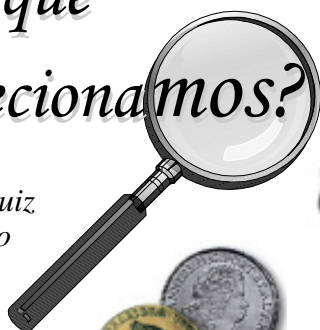


Por que Colecionamos?

Jairo Luiz
Corso



Muitas
vezes já me
perguntaram:

-Por que você coleciona moedas? Prá quê se as moedas antigas não podem comprar mais nada? O que é que pode ter de tão interessante assim num pedacinho de ferro? Vale alguma coisa isso aí?

Para todas estas perguntas e muitas mais, existem boas e plausíveis respostas.

Aqueles que entre nós, além de colecionarem, estudam as moedas, sabem de muitas respostas - tantas que até seriam demais para serem apresentadas em um pequeno artigo. Conhecemos os motivos que levaram a cunhagem e emissão das moedas, conhecemos o país de onde elas vêm, conhecemos o metal sobre o qual elas foram cunhadas, conhecemos os porquês dos diferentes tamanhos, cores, pesos, e espessuras. Aprendemos, com o tempo, as técnicas de fabricação e com isso temos a noção de que o tempo passou e o homem evolui tecnologicamente. As horas investidas na classificação fazem-nos lembrar das histórias que podem ser lidas nas imagens gravadas naquele pequeno pedaço de metal; a época em que foi feito, o local, a arte do gravador - pequena e perfeita; a história da humanidade, o passado, o presente e o utópico futuro. Aprendemos sobre países que surgiram e não mais existem. A história dos povos. As histórias de amor e de ódio, de viagens, de aventuras, de descobrimentos. De paz e de guerra, de nascimentos e de mortes e, se tivermos tempo suficiente, poderemos ler nas entrelinhas de uma moedinha, a história completa do mundo, desde a criação do homem.

O almoço na mesa, a conversa rola, a tarde chega, a tarde passa e você, numismata, espera pacientemente (?).

Só o verdadeiro numismata sabe o que se passa consigo diante de uma situação dessas. A possibilidade de uma moeda rara, de uma variante nova, daquela peça que falta prá completar a série. A ansiedade faz com que a comida embole no estômago até que de repente você ouve:

- Vamos lá?
- Onde?
- Ver as moedas. Sabe, elas são do tempo do bisavô.

Prontamente aquela bola no estômago se dissolve e atíça a imaginação. É agora. Desta vez não vai ser como as tantas outras vezes. Você e aquele seu parente desaparecem casa adentro, em direção ao quarto. Lá, ele tira do fundo do guarda-roupas uma caixa de madeira grande. A imaginação rola. De dentro da caixa ele tira uma outra caixa e, de dentro desta segunda caixa um saco plástico. Você só observando. Dentro do saco plástico, envolto em folhas de jornal velho, está o tesouro no vovô que não lhe é dado nas mãos. Afinal você é conhecedor e, quem sabe uma destas valiosas moedas pode parar no seu bolso, sem que você queira. Aquele seu parente senta-se na cama e ali mesmo começa a desembulhar o tesouro.

"Eu já vi este filme antes", você pensa. Aparecem as primeiras peças e as mil esperanças dissolvem-se em meia dúzia de moedas "amarelinhas", alguns níqueis e um Vintém de 1869, todas gastas. Você, conhecedor das reações das pessoas quando diz que os "ferrinhos" que eles lhe trazem, pouco valem, diz:



- É...
- Como?
- É uma pena que eu já tenha todas, mas você deve guardá-las como recordação do tempo do vovô. Vê, esta aqui tem a figura do Floriano Peixoto, o segundo Presidente do Brasil.
- E vale alguma coisa?
- Valer vale, mas não tanto quanto nós gostaríamos.
- E serve prá tua coleção?

Para um não numismata, estes “ferrinhos” servem apenas para comprar mercadorias e serviços, interessando-lhes apenas o seu poder de compra. Quem ou o quê está representado pouco importa, desde que tenha um número indicando o seu valor fiduciário.

- O quê?!
- Valor fiduciário.
- O quê que é isso?
- É aquele que não é intrínseco.
- Ah! Sei... Mas quanto custa um quilo de farinha?!

Por que colecionamos moedas? Muito provavelmente as respostas de dois colecionadores às perguntas de um leigo em numismática sejam completamente diferentes. Alguns colecionam somente para acumular a maior quantidade possível de “ferrinhos” e, de preferência, que rendam alguma coisa na hora da revenda; outros, mais cuidadosos, preferem a qualidade, selecionam as melhores peças e as estudam tanto do ponto de vista morfológico quanto do ponto de vista sintático.

Estes últimos, creio eu, sabem melhor do que ninguém porque colecionamos. Nós sentimos o prazer - quase carnal - de termos completado uma série depois de meses em busca de uma determinada peça. Nós temos o prazer de estudar as moedas da nossa coleção, de arrumá-las nos seus medalheiros. Temos prazer em manuseá-las, mesmo depois de um dia intenso de trabalho. É-nos muito prazeroso quando iniciamos outra pessoa na formação de uma coleção.

E, qual não é o prazer de um de nós quando, em visita a algum parente, do interior ou da capital, e este nos diz que tem um saco, um pote, uma caixa, uma gaveta com um monte de moedas antigas.

- É?!
- Onde estão? Posso ver?
- Calma! Vamos almoçar antes. Depois, a gente tem tempo.



Você, prá não melindrar os sentimentos daquele que guarda com carinho o “tesouro” que pertenceu ao bisavô, fala em tom de lamento:

- In (felizmente) não.
- E as outras?
- Também não. Sabe, já faz tempo que eu coleciono e tenho todas estas que são mais comuns...

A conversa dura mais um pouco enquanto você vai devolvendo as moedas ao seu ninho de folhas de jornal e colocando-as novamente no saco plástico e na primeira caixinha e na segunda caixa que é devidamente colocada de volta no fundo do guarda-roupas.

Mas por que somos teimosos e colecionamos moedas?

É porque existem tantas razões para isto, que não há tempo e nem espaço suficiente para responder a todas. De quem partiu a idéia de formar as primeiras coleções e por quê? Há quanto tempo moedas são colecionadas? Há quanto tempo se usa moedas. Como é que a humanidade vivia antes da invenção das moedas? Era possível viver sem dinheiro?

Por quê colecionamos moedas? Pois bem, perguntem à mulher ou ao homem, aos adultos ou aos jovens que se põe em um canto, alheios ao mundo, após um dia de trabalho ou estudo penoso e estafante em busca de meios para a sua subsistência ou visando um futuro melhor. Achamos nós paz, descanso e consolo? Estaremos nós aptos para um novo dia de trabalho ou estudo? Achamos nós alguma satisfação “numismaticando”, ou teríamos aproveitado melhor nosso tempo assistindo televisão?

Eu sei por que coleciono moedas. É por todo o prazer, conhecimento e amizades que elas me trazem.

E você?
Coleciona por quê?





Mariana Campos
Jornalista e sócia da S&B

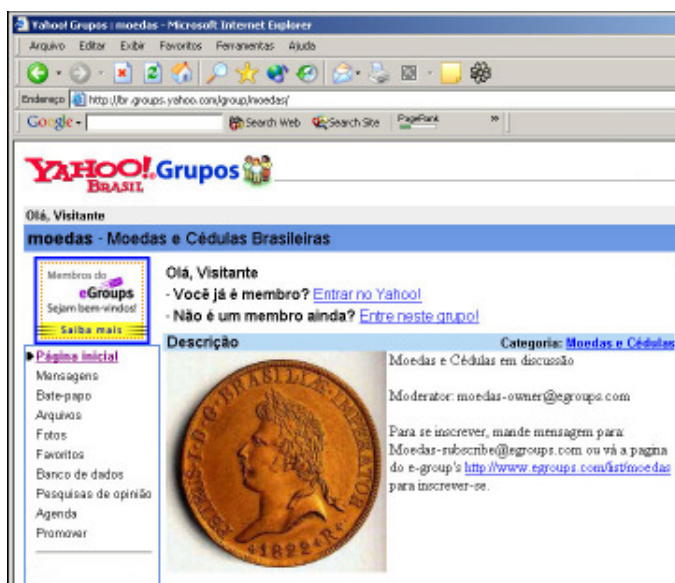
A Numismática Brasileira Virtual

Comunidade virtual discute numismática pela Internet

Um grupo de discussão. O que é melhor do que isso para trocar idéias sobre numismática? As associações e sociedades existem há muito tempo, e também há muito tempo discutem o assunto apaixonadamente.

Mas com o surgimento de novas tecnologias, percebemos a possibilidade de adaptarmos nossas carências ao mundo digital. E foi justamente para suprir algumas dificuldades, como a distância entre os colecionadores, por exemplo, que nasceu o “Moedas” – Grupo de Discussão sobre numismática na Internet.

Os numismatas Fábio de Souza e Jayr Fregona Jr. foram os fundadores desta comunidade virtual, que desde 25 de dezembro de 1998, data de fundação, já encaminhou mais de duas mil mensagens sobre os mais variados assuntos relacionados à numismática.



Grupo de Discussão
"Moedas"

A experiência de fazer parte de um grupo como esses é riquíssima. Dúvidas técnicas e mais específicas sobre qualquer moeda podem ser disparadas por e-mail e dirimidas em instantes. Segundo o numismata Jairo Corso, o grupo é uma das melhores maneiras de trocar conhecimento. "Este grupo é importante na medida que promove o intercâmbio de informações, assim como as modernas teorias de administração preconizam: o capital intelectual. Como todos não nascemos sabendo, é imperativo que nos comuniquemos e transmitamos o nosso conhecimento. E, para isso, nada melhor que esta maravilha que é a Internet", afirma Corso.

Um dos grandes atrativos da comunidade virtual é a possibilidade de enviar arquivos com imagens. Através desta ferramenta, pode-se, facilmente, checar informações, datas, siglas e sanar alguns questionamentos com o envio de imagens das próprias moedas citadas.

Atualmente, já são mais de 100 colecionadores cadastrados, que trocam entre si informações sobre cunhos, recunhos, siglas, contra-marcas, fundição, metais, literatura e temas específicos da arte do colecionismo.

Dentre os membros do grupo, há diversos níveis de colecionadores: mais velhos, mais experientes, colecionadores há anos e que já participaram e ainda participam de congressos, discussões, leilões. Mas também há aqueles mais novos, que acabaram de entrar para o mundo da numismática e não têm onde colher informações básicas de como iniciar e manter uma boa coleção. O grupo é justamente um canal aberto para os iniciantes, que encontram no site uma rica fonte de informações sobre um assunto carente de bibliografia facilmente acessível.

Atualmente, o grupo possui participantes na Inglaterra, no Japão, em Angola e dos mais variados lugares do Brasil. Cada membro tem uma formação diferente, única, que contribui de maneira satisfatória para o conhecimento e o estudo da numismática em geral. O assunto mais discutido, sem dúvida, é a numismática brasileira, com todas as suas minúcias e pormenores.



No grupo não há restrição para cadastramento. Qualquer pessoa interessada pode se cadastrar na página e participar dos debates. Claro que há períodos de estiagem, em que não os participantes não recebem nenhum sinal de vida da comunidade, mas há também aqueles tempos de colheita farta, em que a troca de mensagens chega à casa das centenas por semana facilmente.

É claro que algumas regras são impostas, justamente para o grupo não se tornar uma forma mais barata de comércio ou publicidade. Mensagens que não sejam sobre numismática, ou algum assunto correlato, não devem ser enviadas, assim como propagandas em geral. Para verificar esse tipo de atitude temos um moderador, que lê e analisa todas as mensagens enviadas.

Quando essas normas são infringidas, há um apelo verbal feito pelos moderadores Fábio Souza e Jayr Fregona Jr. (que mesmo sendo os fundadores do grupo, ainda não se conhecem pessoalmente!). Como a idéia do grupo é discutir assuntos voltados ao estudo da numismática, Fábio explica: “se alguém começar a enviar constantemente esse tipo de mensagens comerciais, começaremos a fazer a moderação das mensagens desse usuário, ou seja, elas só serão divulgadas após aprovação de um dos moderadores.”

O colecionador Luís Anderson Candeia, de Passo Fundo (RS), acredita que o grupo ajuda na formação de cada um como colecionador. “Se existisse algo parecido há 20 anos atrás, eu ainda possuiria minha primeira coleção. Na época, por motivos financeiros e por me sentir um solitário, tive que me desfazer dela”.

Todos os membros podem enviar mensagens, trocar informações, além de ter disponível um banco de dados com arquivo. Quem quiser se juntar a essa comunidade é só entrar no site <http://br.groups.yahoo.com/group/moedas/> e se cadastrar. É a possibilidade real de trocar experiências e conhecer novos amantes da ciência no mundo virtual.



O Ceitil



Prof. Tonyan



écimo Rei de Portugal, da segunda Dinastia, a de Avis (ou Joanina), nasceu **D. João 1**, De Boa Memória, segundo filho de D. Pedro 1 e de D. Teresa Lourenço, em Lisboa, a 12 de abril de 1357. Foi aclamado Rei em 6 de abril de 1385, reinando por 50 anos. Casou com D. Filipa, filha de João de Gant, Duque de Lencastre, filho de Eduardo III de Inglaterra, ocorrido no Porto a 2 de fevereiro de 1387, de quem teve 5 filhos, sendo um o infante D. Fernando que morreu em **Ceuta** (do árabe Cepta) e cognominado O Santo; outro D. Pedro, Duque de Coimbra; o infante D. Henrique; D. Duarte que depois foi Rei e mais dois filhos naturais. Esses foram designados por Luís Vaz de Camões de “Ínclita Geração”. Faleceu em Lisboa a 14 de agosto de 1433 com 75 anos. Jaz no Mosteiro da Batalha, por ele mandado levantar, como monumento da sua vitória em Aljubarrota a 14 de agosto de 1385. Quase no fim do seu reinado, D. João 1 resolveu tomar **Ceuta**, na África. Em agosto de 1415, D. João 1 e os seus filhos tomaram a cidade marroquina, na África, e na mesquita principal da cidade os infantes D. Pedro e D. Henrique e o Príncipe D. Duarte foram armados Cavaleiros.

No âmbito da Numismática, D. João 1 mandou cunhar, em cobre, os **Ceitis** (do árabe Ceptil). Souza Viterbo, confirmando Severim de Faria, diz que o **Ceitil**

Inquisição, sob pressão dos espanhóis. A abertura da Universidade em Coimbra, em 1537, onde se passou a ensinar a Teologia, o Direito Civil e Canônico, a Medicina e as Artes, foi uma medida importante, e lançam-se os fundamentos para a abertura de outra universidade em Évora, o que sucederia em 1559, já no reinado seguinte. D.João III faleceu em Lisboa a 11 de junho de 1557 e o seu corpo repousa na Igreja dos Jerônimos, em Belém. Mandou cunhar vários Ceitis: 21 tipos de escudos, 87 legendas (anverso e verso) e 22 tipos de castelos.

O 16º Rei de Portugal,
D.Sebastião, filho do Príncipe D.João e de D.Joana, filha do Imperador Carlos V, nasceu a 20 de janeiro de 1554, algumas



semanas depois da morte do seu pai. Herdou a coroa, por morte do seu avô, D.João III, em 11 de junho de 1557, com apenas 3 anos de idade, sendo Regente, durante a minoridade, a Rainha D.Catarina. O Cardeal D.Henrique foi nomeado Adjunto do governo até que as cortes, reunidas nos Paços da Ribeira, fez-lhe a entrega da Regência e da Tutoria do Rei. D.Sebastião tomou conta do governo em 20 de janeiro de 1568 e logo tentou conquistar o norte da África. Morreu durante a batalha de Alcácer-Kibir, em 4 de agosto de 1578. Os seus supostos restos mortais encontram-se na Igreja de Belém. Data de 1575 o uso, por escrito, do plural irregular **Réis**, em vez de **Reais**. Durante o seu reinado, cunharam-se pouquíssimos Ceitis: 3 tipos de escudos, 4 legendas no anverso e 6 tipos de castelos.

No curtíssimo reinado de **D.Henrique I**, filho de D.Manuel I e da Rainha D.Maria, nascido em Lisboa a 31 de janeiro de 1512, não se cunharam Ceitis. Foi aclamado Rei em 28 de agosto de 1578 e faleceu em 30 de janeiro de 1580, em Almeirim. O seu corpo encontra-se na Igreja de Belém.

desde que expulsasse os mouros e judeus que não quisessem receber o batismo cristão. Em 24 de agosto de 1498 enviuvou, tendo contraído novo casamento com D.Maria, irmã da sua primeira mulher. A 7 de março de 1517 morreu a Rainha D.Maria e a 24 de março de 1518 recebeu em terceiro matrimónio D.Leonor, filha de Filipe I de Castela. Faleceu a 13 de novembro de 1521 nos Paços da Ribeira, vítima de uma epidemia de febre que então grassava em Lisboa. O seu corpo jaz na Capela-Mor da Igreja de Belém. Durante o seu reinado é que se oficializou o conhecimento do Brasil organizando “teatralmente” o seu descobrimento. Também não foram muitos os Ceitis mandados cunhar por ele: 9 tipos de escudos, 27 legendas (anverso e verso) e 6 tipos de castelos.

No entanto, nessa época cunhou-se o mais raro Ceitil conhecido: o **Ceitil Árábico**, com a legenda **Manuel Rei de Portugal**. Deste tipo, que foi cunhado para circular apenas em Marrocos, conhecem-se apenas quatro moedas que estão, ou estavam, na posse de: 1) Museu Numismático Português proveniente da coleção do Rei D.Luís I (1861~1889); 2) em Faro, com os herdeiros do falecido numismata Dr.Justino Cúmano; 3) Museu Etnológico do Dr.Leite de Vasconcelos, proveniente de J.M.Cordeiro de Sousa, filho do Conselheiro Luciano Cordeiro que o havia ganhado de Amador de los Rios e, 4) Museu Regional de Lagos, proveniente do seu Diretor José Formosinho.



O 15º Rei de Portugal, **D.João III**, O Piedoso, nasceu em Lisboa a 6 de junho de 1502, filho de D.Manuel I, que por morte deste, foi entronizado em 13 de dezembro de 1521.

Casou com D.Catarina, filha de Filipe I de Espanha, em 5 de fevereiro de 1525. Com o intuito de obstar o avanço do Protestantismo, estabeleceu em Portugal, em 1531, a

O 13º Rei de Portugal,
D. João II, O Príncipe Perfeito,
nasceu a 3 de maio de 1455, em
Lisboa e casou em Setúbal a 22
de janeiro de 1471, com
D. Leonor, filha de D. Fernando,



Duque de Vizeu. Por duas vezes foi aclamado Rei: a 10 de novembro de 1477 quando da abdicação de D. Afonso V, ato que ficou nulo aquando da volta deste ao reino vindo da África; por morte do seu pai, voltou a ser aclamado a 31 de agosto de 1481. Continuou a obra do Infante D. Henrique e deu novo e poderoso impulso às descobertas. Nessa época, os judeus expulsos de Espanha pelo fanatismo religioso de Fernando e Isabel, foram habilmente recebidos em Portugal. Faleceu em Alvor a 25 de outubro de 1495, com suspeitas de ter sido envenenado. O seu corpo encontra-se no Mosteiro da Batalha. Durante o seu reinado mandou cunhar poucos Ceitis: 3 tipos de escudos, 28 legendas diferentes (anverso e verso) e 7 tipos de castelos.

O 14º Rei de Portugal,
D. Manuel I, O Venturoso ou
O Felicíssimo, filho de
D. Fernando e neto de
D. Duarte, nasceu na Vila de
Alcochete a 31 de maio de



1469. Foi entronizado a 25 de outubro de 1495, pelo falecimento, sem sucessor direto, do seu primo que o havia elevado em honras e designado para herdeiro do trono. Em 1498 casou em Toledo com D. Isabel, filha dos Reis Católicos, com a promessa da sucessão da coroa de Castela

que mandou escrever as crônicas dos seus antecessores, confiando esse trabalho a Fernão Lopes, o Pai da História Portuguesa. Este também fez cunhar Ceitis semelhantes aos do seu pai, em cobre, com o valor computado em 3 ½ libras. Alberto Gomes também não cita e nem cataloga Ceitis sob o seu reinado.



O 12º Rei de Portugal, **D. Afonso V**, O Africano, nasceu em Sintra a 15 de janeiro de 1432. Aclamado Rei em Tomar a 10 de setembro de 1438, casou em

1447 com sua prima, filha do Infante D. Pedro.

Fez várias expedições à África, daí o seu cognome. Mais tarde procurou juntar as coroas de Portugal e Castela e nesse intuito casou com sua sobrinha D. Joana, filha e herdeira de Henrique IV, porém não conseguiu o seu intento. Faleceu em Sintra a 28 de agosto de 1481, e jaz no Mosteiro da Batalha. Era dado às Artes e às Letras. Amante de Música, também escrevia bem. Reformou a Universidade e Fundou nos Paços da Alcáçova uma Livraria Real aberta ao público (primeira no Mundo nesse estilo). Sob os auspícios de D. Afonso V, Portugal tem a glória de ser o segundo país a introduzir a nobre arte impressória, livros que, breve, as caravelas espalhariam pelo Mundo. Durante o seu reinado é abandonada a cunhagem de moedas de bilhão (bolhão), passando, tanto as emissões em prata como em ouro, a apresentar um toque muito elevado. Cunhou muitos Ceitis (1/6 de Real Branco) de cobre, com diferentes escudos (10 tipos), 130 legendas diferentes (anverso e verso), 60 tipos de castelos e 6 letras monetárias.

“...foi moeda de cobre mandada lavrar por D.João I em memória da cidade de Ceuta e que valia a sexta parte do Real.”. Teixeira de Aragão acha mais natural que os Ceitis, lavrados só por D.João I nos últimos tempos do seu reinado, fossem destinados a correr exclusivamente em Ceuta. A propósito, vale lembrar que o numismata Alberto Gomes não menciona e nem cataloga Ceitis sob o reinado de D.João I.

O 11º Rei de Portugal, **D.Duarte I**, O Eloquentemente, filho de D.João I e de D.Filipa de Lencastre, nasceu em Vizeu a 31 de outubro de 1391, aclamado Rei em 14 de agosto de 1433 e reinado por 5 anos, casou a 22 de setembro de 1428 com D.Leonor de Aragão, filha de D.Fernando, Rei de Aragão, da qual teve 5 filhas e 4 filhos, sendo um D.Fernando, pai do Rei D.Manuel. Faleceu em Tomar, a 9 de setembro de 1438, com 46 anos de idade e jaz no Mosteiro da Batalha. Foi o primeiro rei português





No também curto reinado de **D. Antônio 1**, Prior do Crato, filho do Infante D. Luís e de Violante Gomes, neto de D. Manuel 1, nascido em Lisboa em 1531, não se cunhou Ceitis.

Morreu em Rueil, perto de Paris, a 26 de agosto de 1595, com 64 anos de idade. Neste reinado, foi a última vez que os Ceitis foram usados, mas contramarcados em Angra, nos Açores, com a imagem de um Açor, em 1582. Este carimbo era destinado a restituir o primitivo valor das moedas em que ele aparecia. Infelizmente, em 28 de junho de 1580 as tropas espanholas, comandadas por Filipe II, invadiram Portugal, do qual só saíram em 1640. Todas as moedas cunhadas em Portugal por D. Antônio 1 foram destruídas em fevereiro de 1581.



Carimbo
de Açor

Francisco dos Santos

Francisco dos Santos

Numismata

*Compra e venda de moedas,
cédulas e antiguidades em geral.*

(11) 221-1038 / 221-7704

Rua 24 de Maio, 247 cj. 43 - São Paulo - SP 01041-001

Dia do Numismata



O dia 1.º de dezembro foi escolhido para nele se homenagear o Dia do Numismata Brasileiro. Após ter sido lançada a idéia em reunião da Sociedade Numismática Brasileira, realizada no dia 14 de junho de 1934, foram dirigidas consultas a diversas personalidades, inclusive ao Dr. Edgard Araujo Romero, Diretor do Museu Histórico Nacional, sobre a data mais conveniente para a instituição do Dia do Numismata, tendo sido escolhida aquela data por vários acontecimentos de grande significação nela registrados.

No dia 1.º de dezembro de 1822 foi coroado D. Pedro I, Primeiro Imperador do Brasil Independente, e nesse mesmo dia lançada em circulação a primeira moeda do novo regime, a peça de 6.400 Réis, conhecida como Peça da Coroação (acima, à direita).

Também por decreto de 1.º de dezembro ordenou o novo Imperador "que a Coroa Real que se acha sobreposta no escudo das armas, seja substituída pela Coroa Imperial, que lhe compete a fim de corresponder ao grau sublime e glorioso em que se acha constituído este rico e vasto continente." Ainda nesse dia foi criada a Ordem Imperial do Cruzeiro.



Limpeza



Volta e meia este assunto está dando as caras. Limpeza de moedas. Limpar ou não limpar, eis a questão. Como você prefere as suas moedas? Brilhando ou patinadas? Com a cor do tempo ou com a cor que só um Bom-Bril ® sabe dar?

Esta novela é longa, houve o tempo em que a limpeza das moedas era imprescindível. Todos as queriam brilhando “como novas”. Não levavam em conta que no processo de limpeza de uma moeda produz-se nela marcas que se tornarão cicatrizes e que acompanharão a moeda eternamente. São cicatrizes que, mesmo que a moeda venha novamente a ter a “cor do tempo”, não resistem a uma boa lupa e a um certo “tempo” de colecionismo. Lembra daquela marca de vacina feita no braço quando você era criança? Ainda está aí, não? E quando você tiver 100 anos de idade aquela marquinha terá desaparecido? Não! Ela ainda estará aí no seu braço. Ainda bem que as vacinas nos protegem...

Felizmente, nós numismatas, estamos nos tornando mais exigentes e descartando moedas que tenham sido limpas. Tenha esta limpeza sido feita através de qualquer método, miraculoso ou não. Suco de limão, bicarbonato, sabão de coco, escova de dentes, escova de latão, ultra-som ou outro qualquer.

- Pare de riscar as minhas moedas !!!

Eu, como o leitor já deve ter percebido, sou contra qualquer maneira de limpeza de moedas, embora já o tenha feito no início da minha carreira numismática.

É natural e até redundante dizer que quando alguém limpa uma moeda o faz na tentativa de tornar a peça mais atraente e na expectativa de, quem sabe, vendê-la por um preço melhor.

- Viu? Tá novinha!

Se mesmo assim você quiser limpar suas moedas a sugestão que eu tenho é a seguinte:

Baseado na minha experiência e na experiência de outros, a melhor maneira de remover a sujeira, e não a pátina, de uma moeda é colocá-la em um recipiente de vidro, com água morna e um pouco de xampu de bebê. Jamais use detergentes ou produtos que possam agredir

as faces da moeda. Não esfregue a moeda de maneira alguma. Apenas deixe-a descansar na água. Assim como se ela estivesse em uma banheira de hidromassagem. Depois disso, enxágüe com água fria e coloque a moeda sobre uma toalha macia, seque os dois lados e o bordo da moeda, sem esfregar. Pode-se usar um secador de cabelos para esta etapa. Não segure a moeda na mão na hora de enxaguar e nem na hora de secar. Existem pinças numismáticas para isso. A moeda fica muito lisa e escorregadia e pode cair no chão.

Para retirar aquela “craca” que teima em não sair ou aquela “meleca” que alguns tipos de plástico ou papel deixam sobre as superfícies da moeda, mergulhe-a em um recipiente com álcool isopropílico. Há também outros solventes como a acetona, que podem fazer o mesmo serviço também, mas o uso deles pode ser perigoso se manuseados imprópriamente, e eu não vou ser irresponsável a ponto de indicá-los. Com certeza todos nós conhecemos algum engenheiro químico ou alguém que trabalhe com produtos químicos e que possa nos dar algumas dicas.

Certa vez conheci um negociante de moedas que decidiu remover aquela meleca que um envelope plástico deixou sobre um **6\$400R 1790 FC**. Tudo corria muito bem até o momento em que ele pegou a moeda entre os dedos para secá-la.

Dona Maria, irritada por ter sido tocada por um plebeu, virou de lado e pulou. O plebeu, vendo que Dona Maria iria machucar-se ao cair e, na vã tentativa de ajudá-la, jogou-se ao chão, de joelhos, mais rápido possível. Machucou-se. Mais rapidamente que o pensamento juntou as mãos em forma de concha e tentou apagar a cabeça de Dona Maria. Tudo em vão.





Dona Maria não queria, não deixava e nem mesmo entendia o porquê daquele estardalhaço todo que o pobre e desesperado plebeu fazia. Novamente Dona Maria, que já devia estar meio louca, saltou das mãos que inutilmente tentavam fechar-se e segurá-la frente ao iminente perigo que ela sofria de estatelar-se naquele frio e pétreo piso. Neste último pulo, qual uma saltadora olímpica em uma plataforma de 20 metros, Dona Maria jogou-se, rodopiou e fez piruetas mil rindo-se toda da cara do pobre

plebeu que, com a adrenalina em altíssimo nível, rezava pedindo a Deus que o chão abrisse e aparasse a queda da Rainha em uma linda e perfumada nuvem de algodão branquinho.

PLOFT! PLIM! PLUM!

CABUM! A Rainha caiu. Acudam! Socorro! Onde está o médico real?!?

Mas esperem... a Rainha ainda se mexe! Por incrível que pareça, na tentativa de socorrer a mãe de Dom João VI, o pobre plebeu esticou o pé meio sem jeito fazendo com que Dona Maria caísse suavemente sobre o peito do seu pé... e a partir daí rolasse, devido a sua dimensão e formato, suavemente pelo chão. Tudo parecia resolvido: Dona Maria sairia com pequenas escoriações, se não fosse um pequeno detalhe... ela ainda estava rolando pelo chão e...



-NÃO! A ESCADA NÃO! - Grita o plebeu.

Não eram as cataratas do Iguaçu em época de cheia. Era apenas uma escada com vinte e dois degraus de mármore branco que Dona Maria, a desvairada, ao que parece insistia em querer descer, um a um,

até lá em baixo. E o nosso herói (?) plebeu, levanta-se tão rápido quanto um foguete e parte determinado em não deixar Dona Maria ferir-se de uma maneira tal que só quem já “mediu” uma escada sabe. Lançou-se novamente, como se fora um jogador de voleibol na desesperada tentativa de defender aquela cortada matadora que só a Leila sabe dar. Os olhos do plebeu, arregalados como duas patacas, viram Dona Maria descer saltitante um por um daqueles vinte e tantos alvos e duros degraus. O plebeu, logo atrás, descendo de barriga e gritando, ou pensando que estava gritando, dizia:

–Eu ainda pego essa louca! Eu interno ela de novo naquele maldito envelope de plástico fajuto!

Chegaram os dois quase juntos lá embaixo. Dona Maria, como convém às damas e mais ainda a uma Rainha, chega na frente, ainda dando-se o luxo de dar alguns rodopios, como se fora uma menininha que acabara de ganhar um vestido novo e por lá, cansada de tanta festa, sobre um tapete persa ela dormiu, como se nada houvesse acontecido.

O plebeu, coitado! Esfolado, arranhado, amassado, machucado deixou-se ficar meio sobre a escada e meio sobre o tapete também. Ficaram ele e aquela M..., m..., moeda olhando-se. Dona Maria, cheia de hematomas parecia dizer-lhe:

–Levanta-te! Ajuda-me! Viste o que me fez? Vais ser castigado por tua audácia!

O pobre coitado do plebeu, lá com seus botões, e sentindo todas as dores que um tombo de escada permite, dizia em alto e bom tom:

–Eu?! Castigado?! Agora que tu já rolaste pela casa inteira?! Não achas que fui castigado o bastante? Olha só! TÁ QUADRADA! Eras uma Flor de Cuité e agora estás Muito Batida nos Cantos. Foi-se o meu lucro!

Com muito cuidado juntou a moeda antes mesmo de levantar-se e teve vontade de jogá-la porta a fora. Segurou-se. O prejuízo seria ainda maior. Trancafiou Dona Maria, a louca, em um belo estojo de madeira, forrado com veludo vermelho onde ela ainda hoje vive na doce ilusão de reinar sobre um vasto e rico império.

Disse-me o vendedor, meu amigo, que esta moeda aparece seguidamente em leilões, mas devido às lesões, não consegue fixar residência em quaisquer coleções por onde passa.

–E tu? Ainda pretendes limpar as tuas moedinhas?





Moedas Olímpicas



Entre os temas escolhidos para organizar-se uma coleção temática, destaca-se o conjunto de moedas olímpicas, isto é, aquelas moedas que cada país sede dos jogos olímpicos emitem para comemorar, marcar e também ajudar a financiar os jogos.

O número de moedas emitidas pelos países sede tem aumentado consideravelmente ao mesmo tempo em que aumentam o número de países participantes, de atletas competindo e de modalidades esportivas em disputa.

Os jogos olímpicos ficaram parados durante a 2.^a grande guerra, só voltando a serem disputados em 1948, tendo como sede Londres-Inglaterra, constituindo-se nos XIV jogos olímpicos. Nos jogos ingleses nenhuma moeda foi emitida.

Os XV jogos tiveram sede na cidade de Helsinque-Finlândia. Esses jogos foram marcados com a emissão de uma só moeda de prata de 500 Markkaa, com datas de 1951 e 1952.



Tam: 32mm

500 Markka - 1952
Olimpíadas de Helsinque
(Finlândia)

Os seguintes XVI jogos foram realizados em Melbourne-Austrália, que não emitiu nenhuma moeda olímpica.



Os XVII jogos de Roma-Itália também não teve nenhuma moeda para comemorá-los.

Os XVIII jogos de Tóquio-Japão foram marcados com a emissão de duas moedas de prata de 1964 com valores faciais de 100 yen e 1.000 yen. Desta última moeda existem muitas falsificações.



Tam: 35mm

1000 Yen - 1964
(Japão). Existem muitas falsificações deste nominal



Tam: 30mm

100 Yen - 1964
(Japão).

Os XIX jogos de 1968 foram realizados na cidade do México. Para comemorá-los foi emitida uma moeda de 25 pesos, que apresentou problemas na primeira edição. Foi verificado um erro no símbolo dos jogos olímpicos: o aro central estava abaixo do nível dos dois aros extremos. Essa cunhagem foi recolhida e substituída por outra com o erro corrigido, porém muitas moedas erradas estão nas coleções de muitos numismatas por todo mundo. A peça errada é conhecida como “aros rebaixados”.



Tam: 38mm

XIX Jogos (1968)
25 pesos - México
(aros rebaixados)



Tam: 32mm

10 Deutsche Mark
Munique - Alemanha
XX Jogos (1972)

A escolha da sede para o XX jogos olímpicos de 1972 recaiu sobre Munique-Alemanha. Nestes jogos iniciou-se o hábito da emissão de várias séries de moedas com datas anteriores a dos jogos e a última série com data coincidente com a data dos jogos. A primeira moeda emitida na Alemanha apresentou também problemas. Desta feita o problema foi de ordem diplomática. A então Alemanha

Ocidental cunhou a 1.^a moeda com a inscrição “XX jogos olímpicos da Alemanha” (Deutschland). A Alemanha Oriental protestou, alegando que os jogos não seriam realizados na terra alemã, mas sim na Alemanha Ocidental (Bundesrepublik). As moedas foram também recolhidas e alterada a inscrição, todavia sobraram muitas em muitas coleções pelo mundo. Para marcar os jogos de Munique foram cunhadas 6 moedas de prata, com valor facial de 10 marcos e data de 1972.

Os próximos XXI jogos de 1976 foram realizados em Montreal-Canadá. Foram eles marcados pela emissão de uma série com 14 moedas de prata de 10 dólares, mais 14 moedas de prata de 5 dólares, com datas de 73,74,75 e 76, além de uma moeda de ouro de 100 dólares com data de 1976.



Tam: 37mm

5 Dólares - 1976
Canadá
A série completa deste nominal possui 14 peças



Tam: 44mm

XXI Jogos de 1976
10 Dólares em prata - Olimpíadas de Montreal (Canadá)

Os jogos de 1980 foram realizados em Moscou-URSS, constituindo-se nos XXII

jogos da era moderna. No auge da guerra fria, a Rússia e seus satélites esmeraram-se na realização desses jogos. A parte numismática foi marcada com a emissão de várias séries, completando 14 moedas de prata de 10 rublos e 14 moedas de prata de 5 rublos, mais 6 peças de Cupro-Níquel de 1 rublo.

Foram ainda cunhadas 6 moedas de 100 rublos de ouro .999, além de 5 peças de



Tam: 38mm

10 Rublos - 1980 (emissão de 1978 - prata) - Olimpíadas de Moscou (URSS)



Tam: 32mm

5 Rublos em prata comemorativos dos XXII jogos - Olimpíadas de Moscou (URSS)

platina .999, de 150 rublos, todas datadas com a era de 1977, 1978, 1979 e 1980.

Vieram a seguir os XXIII jogos, realizados em Los Angeles (USA) em 1984. Ficaram esses jogos marcados com a emissão de 2 dólares de prata, com datas de 83 e 84, além de uma peça de 10 dólares de ouro de 1984.



Tam: 37mm

Segundo exemplar do dolar de prata emitido para os XXIII Jogos de Los Angeles (1984)



Tam: 37mm

Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) - 1 Dólar em prata

Em 1988 a sede escolhida foi Seul (Coréia do Sul) para os XXIV jogos. As emissões começaram com moedas de Cupro-Níquel de 1.000 Won, datadas de 82, 83, 86, 87 e 88 com seis peças diferentes.



Tam: 40mm

5.000 Won - Olimpíadas de Seul



Tam: 40mm

As moeda de 10.000 Won (Seul, Coréia do Sul), foram cunhadas em prata nos anos de 1986, 1987 e 1988

Foram cunhadas peças de 2.000 Won de Níquel com datas de 86, 87 e 88. A série de 8 moedas de prata de 2.500 Won, com datas de 86, 87 e 88, antecederam a série seguinte de 8 peças de 5.000 Won, com datas de 86, 87 e 88, também de prata. As derradeiras são as peças de prata, com valor facial de 10.000 Won, datadas de 86, 87 e 88.

A cidade escolhida para receber os XXVI jogos de 1992 foi a capital da Catalunha (Espanha), a bela e culta Barcelona. O esmero foi grande na escolha dos assuntos e a inovação no design das moedas. Elas apresentam um aro fosco circundando o disco central, que é proof. Os valores faciais são altos e os preços das peças também. Assim foram cunhadas 15 moedas de prata de 2.000 pesetas, 4 moedas de ouro de 10.000 pesetas, 4 moedas de ouro de 20.000 pesetas e finalmente mais quatro peças de ouro de 80.000 pesetas. Todas as moedas levam as



2000 pesetas - XXV
jogos de Barcelona
(Espanha)

Tam: 40mm

eras de 1990, 91 e 92. Em todos os anversos das moedas espanholas apresentam bustos de toda família Real da Espanha.

Chegamos agora a 1996 quando foi escolhida a cidade de Atlanta (USA) para sede dos jogos XXVI. Foram esses jogos marcados pela emissão de dois silver dólares de 1988 e 92. Duas moedas de ouro de 5 dólares foram cunhadas em 1988 e 92.



Tam: 38mm

Dolar de prata -Olimpíadas
de Atlanta (USA) - mostrando
a tocha olímpica e a da
liberdade

E finalmente chegamos aos jogos de Sidney-Austrália no último ano do século XX, 2.000!

Olimpíadas de Sydney – 2000:

Plano numismático de alto nível

As emissões de moedas olímpicas talvez datem desde os jogos olímpicos da Grécia. Possivelmente a primeira moeda cunhada para comemorar os jogos olímpicos tenha sido batida aproximadamente em 480 A.C., para comemorar a vitória do Rei Anaxilas de Messara.

O governo australiano autorizou o Programa das Moedas Olímpicas de Sidney 2000. O programa constituiu-se de uma joint-venture entre a Real Casa da Moeda Australiana e a Perth Cunhadora, empresa privada, sob os auspícios do Comitê Organizador para os Jogos Olímpicos (SOCOG).



Tam: 25mm

O programa das moedas olímpicas de Sydney foi iniciado com a peça **"The Journey Begins"**, em ouro, no valor facial de 100 dólares.

O programa das moedas Olímpicas de Sidney 2000 produziu a incrível quantidade de 52 moedas. Elas foram produzidas para formar oito séries sequenciais.



Tam: 40,5mm

Esta moeda de 5 dólares australianos, intitulada **“Great White Shark and Coral”**, em prata, expressa o tema ambiental australiano com extrema beleza artística.

A primeira série, lançada em outubro de 97, foi comercializada em poucos meses, constituindo-se em um recorde de vendas. Essas peças foram fornecidas a vários comitês olímpicos ao redor do mundo. Mais de 50 países comercializaram essas moedas. Poucas chegaram ao Brasil.

A série completa consiste em 28 moedas de bronze-alumínio (amarelas) com o valor facial de 5 dólares australianos, 16 moedas de prata .999 proof, também com o valor facial de 5 dólares australianos e oito peças de 100 dólares australianos, cunhadas em ouro .999.

As peças de ouro pesam 10g e tem 25mm de diâmetro, sendo a emissão 30.000 peças de cada tipo.

As peças de prata – liga .999 pesam uma onça (31.1g) e 40,5 mm de diâmetro e foram cunhadas 100.000 peças de cada tipo. Todas foram cunhadas na qualidade proof. As peças cunhadas pela Real Casa da moeda Australiana levam a letra monetária “C” de Camberra e as peças cunhadas pela Perth levam a letra “P”.

As 16 peças de prata e as primeiras séries de ouro apresentam o logotipo de Sidney 2000 em cores,



Tam: 40,5mm

Com as emissões de 5 dólares (à partir do topo): **“A Sea Change”** (segundo lançamento) e **“Reaching the World”**, Devlin explora temas mais abstratos de diversidade e

constituindo-se nas primeiras moedas olímpicas a apresentarem o logotipo esmaltada em cores. As peças de bronze-alumínio apresentam o logotipo no campo em relevo.

Todas as peças apresentam no anverso o retrato da Soberana Inglesa, S.M. Rainha Elizabeth II.



É a primeira vez que todas as 28 modalidades esportivas em disputa são representadas nas moedas de uma olimpíada.

As moedas de ouro interpretam os diferentes aspectos do ideal esportivo, enquanto que as moedas de prata comunicam a variedade de esportes, como símbolo da Paz e Harmonia cultural, bem como as qualidades das riquezas australianas e sua diversidade de meio ambiente.



Os temas das moedas de ouro estão divididos em 4 sub-categorias: o início da jornada, dedicação, preparação e resultados finais.

Em cada uma das séries sequenciais também incluem duas moedas de prata: uma com motivo cultural e a outra com motivo do meio ambiente. Os projetos dessas 24 peças de metal preciosos são do Sr. Stuart Devlin.



Tam: 40,5mm

Estas peças de 5 dólares possuem um desenho intrincado e evocativo (à partir do topo): "Festival of Dreaming", "Kangaroo and Grass trees" e "A Sea Change".

Peças Inéditas na Numismática Brasileira

Recentemente localizamos uma barra de ouro pertencente ao Sr. Francisco dos Santos (SP), que não consta nas listas de peças autênticas e falsificadas catalogadas por Kurt Prober em seu livro “Ouro em pó e em barras - Meio Circulante no Brasil”, de 1990, considerado uma das melhores obras referentes às barras de ouro brasileiras do período colonial e imperial.

Através de análises comparativas e estudo de particularidades, entre outras, as variantes dos cunhos, punções e sigla do ensaiador, chegamos à conclusão que trata-se de uma barra falsificada, do mesmo tipo das surgidas na década de 1920, no Rio de Janeiro. Apesar de considerarmos um exemplar falsificado, é uma peça que merece destaque e estudo, pois além das falsificações fazerem parte do universo da numismática, trata-se de um exemplar extremamente bem elaborado, e com praticamente 80 anos sem registros oficiais de sua existência.

Seguindo a sequência de registro do livro de Prober, que possui lacunas justamente prevendo o aparecimento de futuras peças, a mesma deve ser classificada como ***nº 614***.

Abaixo relacionamos algumas referências técnicas da barra para que o leitor tire suas próprias conclusões.

Fábio de Souza
Bibliotecário da SNB.



Fundição: Rio das Mortes **Ano:** 1818 **Núm.:** 98
Título: 22 quilates e dois grãos (22 ½)
Peso Teórico: 1 onça e três oitavas (39,44 g.)
Peso Efetivo: 39,26 g.
Diâmetro (máx): 83,10 mm.
Obs: Falsificada na década de 1920, possivelmente no Rio de Janeiro.



Pretensões Monetárias de Vila Boa de Goiás



Na Biblioteca Nacional de Lisboa aparecem de vez em quando novidades de toda a ordem no manancial de documentos antigos que nela há. Na seção do Arquivo da Marinha e Ultramar, dentro de um maço de manuscritos dos anos de 1782 a 1784 referentes a assuntos da antiga capitania brasileira de Goiás, foi encontrado um caderno de folhas soltas, que contém as seguintes peças inéditas: A segunda via de um representação enviada pelo Senado da Câmara à D. Maria I, em 21 de junho de 1780, contra a circulação de ouro em pó como moeda corrente; o ofício original do governador Luiz da Cunha Menezes, de 10 de maio de 1783, com que enviou para o reino a sua informação relativa ao assunto; o original da mesma informação, acompanhado da estampa de um projeto de moedas especiais de prata e cobre destinadas a terem curso na capitania, e, finalmente, dois cálculos de senhoriagem que se poderia haver pelo fabrico de numerário. Três cópias textuais de leis monetárias da época de D. José I, hoje conhecidas, acompanham a informação do Governador.

Estes materiais de linguagem antiga e pesada, e a estampa, alarmante pela novidade das figuras, prenderam a nossa atenção.

Baseado na essência do processo, que deixamos de transcrever aqui pela sua extensão, faremos algumas considerações em torno das idéias nele expressas, revelaremos vários



acontecimentos ignorados e exibiremos a estampa. A quem desejar conhecer os documentos na íntegra, fica já indicado o lugar onde os pode consultar.

Teixeira de Aragão disse, à pág. 295 do vol. 1 do seu trabalho numismático, que também convém dar conhecimentos de quaisquer moedas não autênticas, e assim o fez por vezes. Em virtude desta licença dada pelo mestre, os projetos de cunhagem, quando são resultado de autorização (e não obra de anônimos) cabem no estudo da numismática, embora ocupem posição especial em seções reservadas.

O projeto de que vamos tratar é digno de apreço dos numismatas, porém, antes de entrar na matéria, convém que em rápido resumo se dê uma idéia da história da região de “Goyá” (Esta palavra tem sido escrita de várias maneiras: Goyá, mais antigamente; Goias ou Goiás, nas moedas; Goyaz e Goyás em vários documentos).

Em meados do século XVII a capitania de São Paulo, umas das mais vastas do Brasil, possuía no interior territórios desconhecidos, habitados por tribos aborígenes que viviam da pesca fluvial e da caça, absolutamente

Cerrado da região onde seria fundado o Arraial de Sant’Ana, futura Vila Boa de Goiás.



estranhos ao contato civilizado. O espírito aventureiro da época não se propunha desvendar os mistérios e riquezas naturais daqueles sertões, ou por falta de iniciativa do Governo de São Paulo, ou porque presumia quão terríveis seriam os esforços que ele teria de empregar para o bem do êxito do empreendimento. O desconhecido sepultava as novas iniciativas.

Ainda era geral a apatia entre fidalgos e homens de negócio, quando o paulista Manuel Correia, originário da plebe, audacioso e enérgico, da têmpera daqueles portugueses que com o esforço da espada pretendiam sacudir de Pernambuco o domínio holandês, partiu de São Paulo no decorrer do ano de 1647 para as bandas do ocidente, sem destino previamente calculado, seguido de uma bandeira de aventureiros e caçadores de escravos. Afrontando trabalhos e perigos de toda a ordem, entranhou-se nas florestas da região de Goiás, onde encontrou amostras de bom ouro, mas em breve regressou à sede da capitania, mais fatigado e descrente que enriquecido, esquecendo-se finalmente do sertão que descobrira, como se fosse um sonho febril.

Outro aventureiro paulista, Bartolomeu Bueno da Silva, que tivera em mãos ou consultara o roteiro de Manuel Correia, em 1682 ausentou-se de São Paulo com um filho, do mesmo nome que ele, com apenas 12 anos, capitaneando uma companhia de homens de confiança com destino à Goiás.

O aventureiro não tinha idéia de
colonizar aquele novo território, cujos
nativos eram de índole
pacífica: sua intenção
era apenas
escravizar e
enriquecer.
Apresentou-se
como senhor
autoritário.



Lançando logo aguardente em um prato de estanho para que os selvagens lhe reconhecessem o poder de queimar os rios e as fontes, como que para os ameaçar com a fome e a sede, conseguiu que o encaminhassem a lugares onde o ouro existia quase à superfície do solo, ou no quartzo das montanhas.

Feito o carregamento de metal precioso e organizada a leva de escravos (capturados nas tribos que o tinham acolhido benevolmente), regressou a São Paulo.

Governava a capitania Rodrigo César de Menezes Sabugosa (1721-1726), quando Bartolomeu Bueno, o moço, resolveu em 1722 visitar a região onde seu pai o conduzira 10 anos antes, no intuito de adquirir ouro e pedras preciosas.

***Vista de Vila
Boa de Goiás***



Na tradição oral dos índios Goiasenses, vivia ainda a lembrança do vexame sofrido por muitos dos seus antepassados que a escravidão arrancara das aldeias, portanto a nova expedição, entregue aos próprios recursos e enfraquecida por enfermidades e misérias, foi um verdadeiro desastre.

Finalmente, por iniciativa do capitão-general governador, em 1725 organizou-se numerosa expedição armada, composta de flecheiros, mosqueteiros e cavalaria. Bartolomeu Bueno, à frente dela, conseguiu fundar entre os Goiasenses o arraial de Sant' Ana junto às margens do Rio Vermelho, onde colheu 8 mil oitavas (aprox. 29 Kg.) de ouro. Este êxito determinou a imigração de indivíduos de várias raças e de várias classes sociais para aquelas paragens.

O arraial prosperou. Por ordem régia de 14 de março de 1731, o intrépido sertanista obteve carta de capitão-mor de Goiás. Outra ordem régia de 11 de fevereiro de 1736 elevou a povoação

***Arquitetura Colonial
de Vila Boa de Goiás***



de Sant' Ana à categoria de Vila e cabeça de comarca com o nome de “Villa Boa de Goyaz”, para que fosse perpetuada a memória do fundador e dos habitantes do lugar.

Desenvolvida notoriamente a prosperidade da comarca, o alvará de 8 de novembro de 1744 desanexou-a da capitania de São Paulo e mandou que fosse constituída capitania independente.

No fim do reinado de D. João V, Vila Boa tinha uma próspera situação comercial. Havia caminhos abertos para São Paulo, transitados por comboieiros e negociantes que comercializavam para os portos de mar e gozava de melhoramentos materiais, graças à lavra do ouro que desde a criação do arraial primitivo tinha aumentado progressivamente de ano para ano e beneficiado o imposto do quinto, esse direito senhorial devido à Majestade, como fruto das terras cujo domínio tinha. Esta contribuição de 20% era feita no ouro antes de apurado e fundido em barras. No governo de D. Marcos de Noronha extraíram-se das minas do Cocal 160 arrobas de ouro. Só no ano de 1753 o rendimento do quinto na capitania montou a 169.080 oitavas (aprox. 606 Kg.) de ouro. Podiam citar-se aqui outras indicações numéricas.

Como se vê, a lavra foi importante. E não se pode aludir a quantidade de ouro confiscado, consumido na fundição das barras e, principalmente, descaminhadas dos reais direitos. Este abuso em particular foi de tal ordem que motivou a carta régia de 23 de fevereiro de 1731, que estabeleceu um Registro na passagem do rio Jaguari para o controle do ouro que os viajantes transportassem de Vila Boa para São Paulo.

No começo do reinado de D. Maria I, época de que nos vamos ocupar no tocante ao meio monetário circulante em Goiás, a produção de ouro declinou, entretanto as montanhas tinham sido apenas arranhadas à superfície: guardavam nos seios filões de incalculável riqueza. O local em que se ergueu posteriormente a povoação de Ouro-Fino (onde Bartolomeu Bueno, o moço, encontrara ouro de alta pureza), e outros lugares, célebres por aventura de mineração,

estavam vazios. Idos os irrequietos faisqueiros, a montanha voltou à poesia da solidão, e ali a sapucaia altiva pode novamente receber os liames do cipó entrelaçados ao pau de arco de flores amarelas.

A vida agreste voltou à primitiva tranquilidade pela negligência natural do povo, que não se animava a constituir empresas ou sociedades, mais ou menos fortes, para realizar explorações seguindo técnicas de extrativismo.

Em 1780 o melhor empenho dos proprietários e dos agenciosos era escravizar selvagens para o cultivo das terras e desenvolvimento material das indústrias. Os tempos tinham mudado as idéias e os costumes. O próprio ouro virgem, sublime na sua essência, já não coroava ambições: ficava ao desamparo!! Ainda hoje se diz que a atual cidade de Goiás encontra-se sob uma mina jamais explorada, e que é fácil encontrar pepitas de metal precioso nos logradouros das habitações, feita que seja uma cova de pequena profundidade!

Em 1780, pela força da lei de 3 de dezembro de 1750, a moeda colonial brasileira, ou moeda geral, não corria na Capitania de Goiás.

Não havia moeda de cobre.

Faltavam quase que
absolutamente as
moedas de



***Igreja de Nossa
Senhora da Abadia,
construída no
século XVIII, durante
o período de próspera
atividade comercial
em Vila Boa de Goiás.***

prata cunhadas na Bahia, de 1752 a 1768, e no Rio de Janeiro, de 1754 a 1774, cujos valores eram equivalentes ao ouro não quintado na razão de 1\$200 réis por cada oitava, e nas proporções seguintes:

600 réis = 16 vinténs, ou meia oitava de ouro, representados por 363 $\frac{3}{4}$ grãos de prata.

300 réis = 8 vinténs, ou $\frac{1}{4}$ de oitava de ouro, representados por 181 $\frac{7}{8}$ grãos de prata.

150 réis = 4 vinténs, ou $\frac{1}{8}$ de oitava de ouro, representados por 90 $\frac{15}{16}$ grãos de prata.

75 réis = 2 vinténs, ou $\frac{1}{16}$ de oitava de ouro, representados por 45 $\frac{15}{32}$ grãos de prata.

Chamavam-se “Moedas Mineiras” porque eram privativas das comarcas onde se lavravam ouro. Faltavam em Goiás porque os viajantes as levavam para as despesas que tinham de fazer desde as Casas dos Registros até São Paulo, onde circulavam junto com a moeda geral. Pela mesma razão faltavam em Vila Rica, Sabará, Rio das Mortes e Serro Frio, comarcas encravadas no coração do Brasil.



***Chafariz de Cauda da Boa Morte,
construído em 1778.***

A ausência destes padrões monetários no comércio miúdo tornava necessário e constante o giro do ouro em pó, que prejudicava o público e encarecia os gêneros de primeira necessidade. Vejamos as principais causas de sua condenação.

O desejo mais veemente do escravo resumia-se na posse da carta de alforria, mensageira de direitos físicos, que então eram ficticiamente iguais aos do homem livre. Portanto, das compras de um até oito vinténs, sonegava grãos ou folhetas de ouro, átomos do preço da liberdade futura. No silêncio das horas recolhidas, assim se enriquecia o seu tesouro, oculto no esconderijo da montanha ou nas cavidades das árvores seculares. Tinha este processo como mais cômodo que faiscar ouro nos mais ocultos sertões, foragido, entregue à sorte. No regresso à casa do senhor, queixava-se que o ouro não chegara para a totalidade das despesas, ou alegava que as balanças e os pesos das vendas eram instrumentos de fraude em poder dos vendedores, por ser frouxa a vigilância do Senado da Câmara que não as aferiam como se dizia.

Mas o escravo nem sempre era o único responsável pelas faltas nos pagamentos. Acontecia de tênues partículas de ouro aderirem na balança, ou que quando nela era colocado à pitadas, deixava restos nem sempre imponderáveis nos dedos do comprador.

O escravo levava o ouro em papel de má qualidade e no embrulhar e desembulhar arriscava-se inconscientemente quando era honrado. E quantas vezes o fiel da balança era o prejudicador, fatigado e gasto pelo exercício contínuo!

Abundavam pobres e compradores por miúdo, que com estas ou equivalentes contrariedades criminosas guardavam um sentimento de tédio pelo ouro, sentimento que os impressionava e movia até a queixa. E já tinham decorridos muitos anos sob o regime de tal meio monetário circulante.



Calculava-se que de cada 100 oitavas de ouro se perdiam 5% anualmente.

A moeda que circulava isenta de reduções, como se fosse cunhada, era a barra de ouro. Cômoda, de fácil fabricação e de peso que a balança não tinha de verificar. O quilate, conhecido pelo toque e ou por ensaio, o peso marcado e o carimbo da respectiva casa de fundição davam-lhe legalmente autenticidade e poder de intervir em toda a ordem de transações, portanto não tinham inimigos.

Barras de ouro da Fundição de Goiás:



1814 - 53,49 g.



1814 - 112,06 g.



1817 - 374,02 g.



1821 - 347,22 g.



1821 - 27,04 g.



1822 - 83,20 g.



1822 - 27,94 g.



1823 - 26,99 g.

(Imagens: "Ouro em Pó e em Barras - Meio Circulante no Brasil" - Kurt Prober - 1990)

É singular o caso destas barras possuírem gravadas a sua procedência, GOIÁS, na parte central junto da orla superior. Em todos os exemplares de outras comarcas mineiras, que temos visto, de metal ou reproduzidas por gravuras, a designação da comarca é compreendida no carimbo que contém o escudo de armas do reino, firmado na extremidade esquerda do anverso.

Algumas barras eram produto da indústria anônima, forjadas clandestinamente. O próprio ouro em pó não escapou das fraudes: em algumas comarcas misturavam-lhe latão. Contra esse crime houve leis especiais, enviadas pela metrópole ao governador da capitania de São Paulo em 28 de janeiro de 1735 e em 8 de maio de 1746.



As causas que promoviam o desagrado geral contra a circulação do ouro em pó fundaram a necessidade de se criar moeda especial para a capitania, que possuía apenas comércio local; moeda que para além dos Registros não tivesse curso e não valesse mais que intrinsecamente, e neste intuito o Senado da Câmara em 21 de Junho de 1780 entregou ao governador Luiz da Cunha Menezes um pedido a D. Maria I, igual a outro que o Senado de Vila Rica enviara em 18 de dezembro de 1778.

Ao critério da Majestade oferecia-se pôr em prática um projeto de moeda “provincial” de prata e cobre. Seria cunhada na oficina monetária do Rio de Janeiro ou na da Bahia, e remetida anualmente na razão de 4 contos de réis ao Tribunal da Real Fazenda de Goiás, onde os habitantes a tomariam em troca do ouro em pó. Nesta permuta, se o custo dos metais para o fabrico das moedas fosse de 1 conto de réis, a Real Fazenda lucraria 3 contos. O Senado, ao passo que fazia este pedido, referia-se especialmente a esta vantagem direta.

Teria a nova moeda de prata diâmetros inferiores aos da moeda mineira (mas não se declarava em que proporções). Seriam emitidos padrões de:

300 réis, ou 8 vinténs, na razão de 1/4 de oitava, correspondentes a 18 grãos de ouro.

150 réis, ou 4 vinténs, na razão de 1/8 de oitava, correspondente a 9 grãos de ouro.

A moeda teria gravada a palavra “Goiás”, para não passar para fora dos Registros.

Para a moeda de cobre propunham-se diâmetros e pesos iguais aos da moeda geral, a mais recente, cunhada em Lisboa desde 1778, que tinha os valores de XX e X réis marcados. Este cobre valia 640 réis por arratel, na razão de 5 réis por oitava.

Para as moedas propostas o valor subiria até 10 réis por oitava, e assim concordaria com o preço dos cobres dos padrões de XL e XX réis, cunhados em 1722, especialmente destinados para as comarcas de Minas Gerais.



XL réis - 1722. Cunhado em Lisboa para Minas Gerais.

Os padrões propostos eram dois:

75 réis, ou dois vinténs, correspondentes a 4 1/2 grãos de ouro, com o peso de 288 grãos ou 4 oitavas de cobre.

37 1/2 réis, ou um vintém, correspondentes a 2 1/4 grãos de ouro, com o peso de 144 grãos ou duas oitavas de cobre.

Luiz da Cunha só em 10 de maio de 1783 se prontificou a responder a carta régia de 2 de junho de 1781, passada pelo Conselho Ultramarino. Esse documento ordenava-lhe que informasse a respeito do pedido referido e também com relação àquele que o Senado de Vila Rica enviou a D. Maria I em 1778.

Na informação remetida ao Secretário do Estado Martinho de Mello e Castro, sucessor do Marquês de Pombal, o governador ressaltava a importância e justiça dos pedidos perante a Sua Majestade Real, referindo-se aos motivos que as originaram e adicionava uma estampa representativa dos tipos monetários que convinha adotar, desenhados à pena, como se mostra nas figuras n. 01 a 05 (pág. 48).

Certamente por deliberação dele, o primitivo projeto fora modificado, pelo modo seguinte: seriam emitidos cinco padrões acomodados aos dos pesos do ouro em pó, à saber:

Moedas de Prata:

600 réis, ou 16 vinténs = 1/2 oitava ou 36 grãos de ouro (fig. 1.^a)

300 réis, ou 8 vinténs = 1/4 oitava ou 18 grãos de ouro (fig. 2.^a)

150 réis, ou 4 vinténs = 1/8 oitava ou 9 grãos de ouro (fig. 3.^a)

75 réis, ou 2 vinténs = 1/16 oitava ou 4 1/2 grãos de ouro (fig. 4.^a)

Moeda de Cobre:

XXXVII 1/2 réis, ou 1 vintém = 1/32 oitava ou 2 1/4 grãos de ouro (fig. 5.^a)

Estas moedas não sairiam da capitania: a administração da Real Fazenda do Rio de Janeiro ministraria barras de prata e cobre com que fossem cunhadas na real casa de fundição de Goiás provida como estava de oficiais habilitados e de material para esta ordem de trabalhos.

A importância de 12.000 cruzados anualmente bastava para que a capitania em breve tempo fosse dotada com o numerário suficiente para o comércio interno e pagamentos de quaisquer contribuições devidas à Real Fazenda.

O governador assegurava que esta moeda mereceria mais estima que o ouro em pó. Dava para exemplo o padrão de 600 réis que, pelo seu volume, era preferido a uma oitava de ouro, ou 1.200 réis, a qual após algum tempo de giro no comércio perdia infalivelmente grande parte de seu valor.

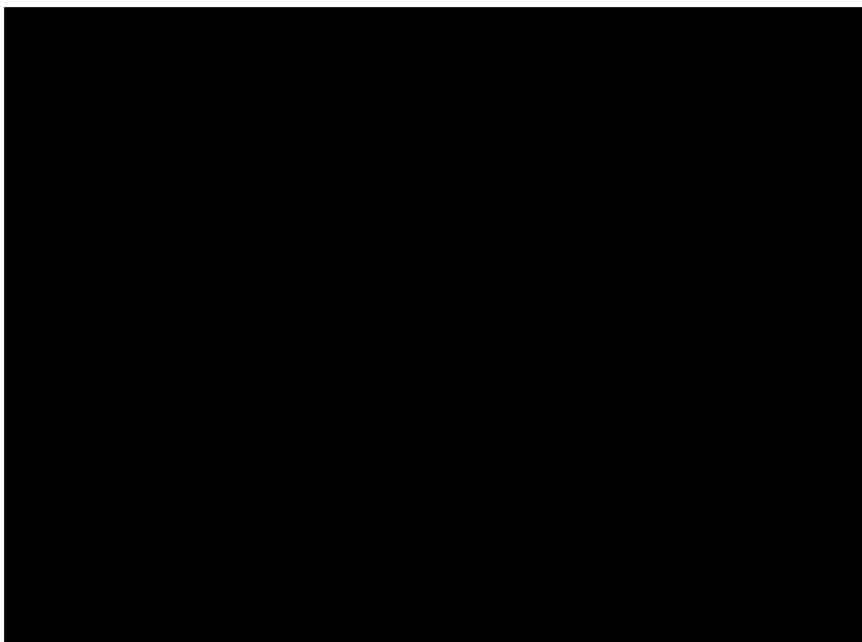
*Decanho da Moeda provincial, edos se
us diferentes valores que se pertende para a Capitania de Goyás a
uendo S Magestade porbem mandar premittir que nadita Ca
pitania secunhe adua Moeda para ocurso do seu commercio entao.*



Convinha fazer a contagem como era de uso nos portos de mar, isto é, em São Paulo, e neste caso a pataca (300 réis) seria a unidade monetária.

Referente as vantagens atribuídas a nova moeda, referia-se a baixa que ela causaria nos preços dos gêneros de consumo, a entrada do ouro circulante na Casa de Fundição e, com isto, um substancial aumento do imposto do quinto. Aumentava o lucro com a senhoriagem, como demonstrava em dois cálculos anexos, assinados e elaborados por Manuel Rodrigues da Costa, que provavelmente era funcionário superior da Casa de Fundição.

Transcrevemos esses dois documentos na realidade muito originais e interessantes:



(Neste cálculo não se alude ao peso bruto da prata e por isso é impossível saber-se hoje quanto deveriam pesar as moedas propostas).



Por este cálculo, o vintém de ouro, ou 37 ½ réis de cobre, pesaria 5 oitavas, isto é, uma oitava a mais que o padrão XX réis da moeda geral, cujo diâmetro adotava.

A estampa representativa das moedas, contra a moda do século XVIII, não foi emoldurada com arabescos fantásticos, ramagens de arbustos e outros ornatos, como se vê em mapas, relações, contas, etc., da mesma época. Foi desenhada em papel comum, plebeiramente, como se não houvesse de subir ao trono da Majestade Real! Contudo os tipos são expressivos e regularmente delineados.

A figura 1.^a é quase perfeita. No campo a letra M (MARIA), entre florões, é encimada pela coroa real, larga, porém de mediana altura. No enxergo . 1783 . , entre pontos; à esquerda . 600 . e à direita . GOIÂS . também entre pontos.



No reverso a esfera armilar assenta sobre a Cruz da Ordem de Cristo com a letra G (Goiás) no centro. A cruz reparte em quatro grupos de letras a legenda clássica da moeda de prata provincial SVBQ. – SIGN – NATA – STAB. O ponto colocado por cima da letra Q é quase imperceptível. Esse sinal oculto já era de uso antigo em moedas de prata brasileiras. Começou no reinado de D. Pedro II, em 1695. Até 1822 tomou 5 posições diferentes ao redor da letra Q, e duplicou-se em “Q:”. Esta letra só muito raramente deixou de ser acompanhada deste pequeno satélite.

A designação da capitania, indicada por extenso no anverso, era novidade desnecessária. Pois não bastava para isto a letra “G” no reverso? Desta duplicação deixava de participar a moeda de cobre, por não ter espaço onde a primeira indicação fosse acomodada.

Compare-se o tipo monetário de prata (Fig 1.^a) com o da moeda mineira cunhada no Rio de Janeiro em 1755:



Tipo Monetário Proposto



600 réis 1755-R

Da comparação resulta que além das diferenças principais já apontadas, o diâmetro da moeda de 1783 não está exagerado.

Nos padrões de 300, 150 e 75 réis, figs. 2.^a, 3.^a e 4.^a, vê-se idêntico tipo monetário, guardadas entre eles proporções de diâmetro irregulares. Este último, 75 réis, cuja emissão cessara em 1760, era restaurado.

O desenho da figura 5.^a é de singular novidade. Tem no campo o valor XXXVII ½ encimado pela coroa real, ampla em demasia. No enxergo “. 1783 .”. Na orla, em círculo, MAR(IA). I. ET. PET(RUS). III. P(PORTUGALIÆ). ET. BRAS(ILIÆ). REG(ES).



Nesta legenda, quase semelhante as das moedas de XX réis coloniais cunhadas em Lisboa desde 1778, nota-se a duplicação da letra T na conjunção gráfica ET junta à BRAS., o que constitui uma superfluidade gráfica. Por erro imperdoável pode-se classificar-se aquela mistura de algarismos romanos e árabes em “XXXVII ½” réis.

No reverso a esfera armilar, com a letra “G” ao centro, é circundada pela legenda PECUNIA . TOTUM – CIRCUMIT . ORBEM.

E tal era o tipo do vintém de ouro, representado em moeda cunhada, a novidade mais interessante de todo o projeto.

Hoje lamentamos que estas moedas não foram cunhadas, depois de regulados convenientemente os símbolos, diâmetros e pesos. Seriam as únicas coloniais brasileiras marcadas com letra monetária no tempo de D. Maria I e D. Pedro III, visto que as Dobras de 4 escudos e as suas frações da mesma época, que receberam a letra B e R, eram destinadas principalmente à circulação monetária do reino.

D. Maria I não ouviu os pedidos do Senado. Ignora-se por qual motivo. O Governador não era contrario à causa, porém prejudicou-a pelo fato de ter demorado quase dois anos o informe desse pedido.



Ele disse: “*Depois de eu Ter procurado esse benef.º (a nova moeda) a estes povos aos pez do Real Trono de V. Mage. assim como acabo de referir; nada posso estimar tanto, como ter esta ocasião de me repetir novame.º em seu benef.º rogando a V. Mage. pa. elles esta mesma graça, e expondo-lhe o que mais me ocorre sobre esta mesma materia para o effeito de mostrar mais evidente o bem fundado das referidas supplicas q. a V. Magestade tem se feito*” (O governador refere-se à primeira via da petição do Senado, remetida em 21 de junho de 1780).

Foi só algumas semanas antes de ser transferido para o governo de Minas Gerais, que tratou de resolver esse assunto pendente. E resolver-se-ia a isso por ter ouvido as vozes do clero, do Senado (dois fatos concorreram para que os últimos tempos da administração de Luiz da Cunha não fossem pacíficos: as dúvidas que teve com a Câmara, em 1782, e as contestações travadas com o Vigário João Antônio de Noronha, fatos que assumiram um caráter grave), além da classe mercantil, entoadas até a censura ou tão ameaçadoras que o impelisses a erguer a sua própria voz? Se era poderoso como autoridade militar e administrativa, a classe mercantil, principalmente, não lhe era inferior como potência moral que regia a seu bel-prazer a vida ativa na capitania.

Luiz de Menezes, fora das praxes burocráticas, deveria recomendar aos seus amigos da metrópole uma causa tão justa. Parece que não procedeu assim. E talvez seja o motivo para estas moedas de Goiás, visões de um sonho quase fantástico, não fossem cunhadas. São apenas a memória de uma aspiração malograda. Apesar de seu caráter ostensivo teoricamente, é justo ligá-las à vida histórica da numismática brasileira dos tempos coloniais.

Manoel Joaquim de Campos

(Do “*Archeólogo Português*” – Vol. IX – Novembro e Dezembro de 1904 Ns. 11 e 12).
Recompilado e atualizado por Fábio de Souza.

Outras referências bibliográficas consultadas:

- Kurt Prober - “*Ouro em Pó e em Barras - Meio Circulante no Brasil* (1990);
- *Revista Horizonte Geográfico*, nº78 (2002).



600 réis

Série

M
(1783)

A moeda de 600 réis – série “M”, reproduzida na capa do Boletim, e que a princípio deve ter chamado a atenção de alguns leitores “que nunca tinham visto uma dessa na vida”, não vem a ser nenhuma nova descoberta numismática... mas podemos dizer que foi cunhada “virtualmente”.

Fábio de Souza
Bibliotecário da SNB

Como um complemento do artigo anterior, “Pretensões Monetárias de Vila Boa de Goiás” (pág 34), e com base na gravura de 1783 reproduzida no mesmo artigo, esta imagem foi criada utilizando-se o programa Photoshop 7.0 (Adobe Systems), procurando reproduzir os reflexos de luz, traços de desgaste, pátina e imperfeições que a mesma possuiria caso tivesse sido cunhada, e sobrevivido algum exemplar até os nossos tempos.

Alguns fatores foram importantes para uma realização satisfatória deste trabalho. Primeiro, foi necessário efetuar um estudo das diferenças existentes entre um 600 réis “Jota” 1755 R (fig. à dir.), e a interpretação artística desta mesma moeda (abaixo), realizada à pena, de modo semelhante ao projeto da moeda de Goiás para podermos “reverter o processo”. Com isso, chega-se a conclusão de que os traços do desenho são muito mais finos do que apresentaria a moeda se cunhada, o que deveria



600 réis
1755 R

ser compensado na imagem final, além de alguns detalhes desproporcionais da coroa. Posteriormente, esse mesmo “Jota” foi utilizado como base de edição da nova moeda. A palavra “GOIÁS” foi criada à partir da edição das letras da legenda do reverso desta moeda (SVB Q. SIGN NATA STAB).



“Traité des monnaies d'or et d'argent”
Pierre-Frederic Bonneville - Paris, 1806.



Medalha Capitão José Gomes Pinheiro



A medalha "Capitão José Gomes Pinheiro" (fundador de Botucatu) é uma condecoração comemorativa, criada pela Câmara Municipal deste município, conforme Projeto de Resolução nº 006/97 de 21 de março de 1997, e Resolução nº 286 de 06 de maio de 1997, de autoria do vereador Fernando Aparecido Carmoni, e destinada a premiar ex-vereadores da Câmara Municipal de Botucatu.

Anverso - Efígie do fundador de Botucatu, ao centro, ladeado pelas datas "1784" (nascimento) e "1848" (falecimento), e circundado pela legenda: "MEDALHA CAP. JOSÉ GOMES PINHEIRO";

Reverso - Brasão do município de Botucatu, ao centro, circundado pela legenda: "CÂMARA MUNICIPAL DE BOTUCATU";

Projeto e desenho: Sr. Olavo Pinheiro Godoy.



Anverso



Reverso

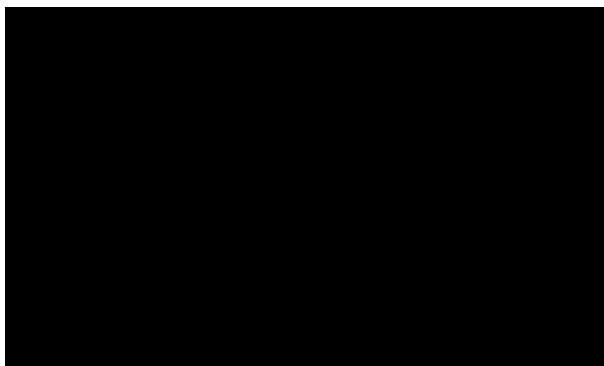
Medalha Cap. José Gomes Pinheiro

Sistemas Monetários

Jairo Luiz Corso



De acordo com a terminologia adotada pelo Departamento do Meio Circulante do Banco Central do Brasil, temos:



Muitos catálogos e livros fazem a divisão dos períodos numismáticos do Brasil em primeiro, segundo e terceiro sistemas. Outros omitem-se quanto ao primeiro e segundo sistemas descrevendo somente o terceiro. Uns poucos simplesmente ignoram estas divisões. Este fato creio eu, dá-se por ignorância da história do Brasil. Dá-se também pela falta de vontade de pesquisar e/ou pelo comodismo de aceitar como certo o que já está feito, mesmo que sejam falácias. Vamos ver o modelo mais comum e aceito pelos colecionadores.



O Primeiro sistema é tido como aquele que compreende as moedas emitidas entre 1694 e 1834. O Segundo sistema compreende as moedas emitidas entre 1833 e 1848 e o Terceiro sistema engloba as moedas emitidas entre 1849 e 1889.

Por má influência de alguns catálogos antigos, e novos também, a grande maioria dos colecionadores, principalmente os menos avisados (no início da minha vida de numismata eu também me inseria neste rol), entende que o primeiro sistema monetário tem início em 1831, com D. Pedro II.

Só que ninguém até hoje explica o porquê deste tipo de divisão começar no reinado de D. Pedro II, já que não houve mudanças do ponto de vista numismático quando D. Pedro I abdicou do trono, em favor do seu filho João Carlos... mais conhecido por Pedro de Alcântara de Bragança. Quis alguém, em algum lugar e em uma época qualquer, por algum motivo que poucos ou ninguém conhecem, dividir assim: o primeiro sistema inicia-se no segundo império. Ninguém, até agora, se deu o trabalho de contestar esta divisão.

D. Pedro I assumiu o governo do Brasil, como Regente, em 22 de Abril de 1821, no lugar de seu pai, D. João VI, que, para não perder o trono de Portugal, teve de voltar e reassumir as rédeas do governo. Só para registro histórico, vale ressaltar aqui que de 03 de Maio de 1826 até 02 de Março de 1828 D. Pedro I, Imperador do Brasil, era simultaneamente Rei de Portugal com o título de D. Pedro IV, e que D. João VI considerava ser o Brasil ainda colônia de Portugal e ele Rei do



*Moedas do
Período Colonial e
Reino Unido - sistema
monetário baseado
nas "patacas" (320 réis)*



A "Série de Cruzados" (baseada nos 400 réis) foi emitida durante o segundo sistema monetário do Período Imperial

Brasil, até o ano de 1825. Esta é a razão segundo Kurt Prober, das moedas portuguesas de 1823 até 1825 trazerem a inscrição BR., BRAS., ou BRASIL., na legenda.

O Brasil tornou-se independente de Portugal em 7 de Setembro de 1822 e, embora tendo continuado com o mesmo sistema monetário português, pode-se e deve-se fazer uma ruptura para fins numismáticos nesta mesma época. Se não

houvesse outros motivos, esta divisão do Primeiro sistema pelo menos facilitaria a leitura e a compreensão histórico-numismática dos fatos aos novos - e também aos "velhos" - numismatas e colecionadores.

Desta maneira teremos: O primeiro sistema formado pelas moedas do Brasil colonial, de 1694 até 1815, e com as moedas do Brasil Reino Unido, de 1815 até 1822. As moedas do primeiro e segundo impérios, de 1822 até 1889, sendo formadas parcialmente pelo primeiro e segundo sistemas e, em grande parte, pelo terceiro sistema. E por fim as moedas da República, com seus nove sistemas, de 1889 até hoje.

Esta divisão dos sistemas monetários baseia-se em que todas as moedas de cobre nacionais ou provinciais - gerais e locais - as de prata e as de ouro, em qualquer reinado, desde o descobrimento tenham Cuiabá, Goiás, Pernambuco, Minas ou São Paulo, são semelhantes às moedas cunhadas no reinado anterior, em quaisquer das Casas ou Oficinas monetárias tanto no peso como no diâmetro, na espessura, na composição metálica e até mesmo nos valores faciais. Ressalvando-se obviamente que as moedas provinciais e as cunhadas para

circulação regional sofriam uma redução no seu peso. Para exemplificar cito as moedas de \$20, \$40 e \$80 das casas de G e C, que nos Reinados de D. Pedro I e de D. Pedro II tinham os pesos respectivos de 1, 2 e 4 oitavas correspondendo às moedas de \$10, \$20 e \$40 das casas do R e da B.

As moedas provinciais de ouro, de 4\$000 tinham o peso de 2 oitavas e $\frac{1}{4}$ - 8,07 g. - (Colônia, Reino Unido e Império) enquanto as do sistema nacional (forte) pesavam 3 oitavas - 10,76 g.

Como se vê, D. Pedro II deu continuidade ao que já existia no reinado de D. Pedro I, que era a continuação, em termos de peso, diâmetro, espessura e composição metálica, do que havia no reinado de seu pai, D. João VI. No terceiro sistema houve, na República, a continuidade do que havia em termos de pesos e diâmetros no final do segundo império, guardadas as pequenas alterações devido a introdução do sistema métrico-decimal e a desvalorização da moeda.

O terceiro sistema foi o mais duradouro do Período Imperial, onde foram emitidas várias famílias de moedas, muitas de excepcional beleza.



Esta não alteração, das moedas cunhadas sob D. Pedro II, deveu-se à Ordem de 15 de Setembro de 1831, que estabelecia que nada deveria ser alterado no peso, valor, inscrição, tipo e denominação das moedas, a não ser na legenda. Esta passaria de "PETRUS I" para "PETRUS II". Nesta mesma ordem ficava autorizado o levantamento de novos cunhos para as moedas de ouro de 4\$000 e de 6\$400 com o busto do novo imperador. As moedas com a nova efígie do imperador (Pedro Menino com e sem assinatura Azevedo F.) foram aprovadas pela Ordem nº 101, de 10 de março de 1832. E, visto não haver nada, do ponto-de-vista histórico-numismático, que obste esta nova visão da divisão dos sistemas, porque não fazê-lo? Façamos a história do nosso país valer!

É necessário que façamos uma releitura dos conceitos usados em numismática e tidos como certos e imutáveis. É preciso que estudemos e pesquisemos e que, se necessário, proponhamos novas formas de análise para as nossas amadas moedinhas e da história em torno delas. A numismática, que é uma ciência auxiliar da história e da arqueologia,

Exemplares
de moedas
cunhadas
durante os
nove sistemas
monetários da
República

anda de mãos dadas com a história geral da humanidade e dos países. A história não é estática.

Sinteticamente teríamos, sem levar em consideração toda a gama de moedas que circulavam em Portugal e, conseqüentemente no Brasil, até a abertura da nossa primeira casa da moeda em 1694, na Bahia:

COLÔNIA, de 1694 até 1815:

1º Sistema Monetário: Patacas.

Padrão Monetário: REAL.

Unidade Monetária: 320 Réis.

REINO UNIDO, de 1815 até 1822:

1º Sistema Monetário: Patacas.

Padrão Monetário: REAL.

Unidade Monetária: 320 Réis.

IMPÉRIO, de 1822 até 1889: Com três Sistemas Monetários:

Primeiro sistema: Patacas.

Segundo sistema: Cruzados.

Terceiro sistema: Mil-réis.

Padrão Monetário = REAL.

Unidades Monetárias: 320, 400 e 1000 Réis.

REPÚBLICA, de 1889 até os nossos dias: Com nove Sistemas Monetários:

Terceiro sistema: Mil-réis.

Quarto sistema: Cruzeiro.

Quinto sistema: Cruzeiro Novo.

Sexto sistema: Cruzeiro.

Sétimo sistema: Cruzado.

Oitavo sistema: Cruzado Novo.

Nono sistema: Cruzeiro.

Décimo sistema: Cruzeiro Real junto com URV.

Décimo primeiro sistema: Real.

Padrões Monetários = REAL e Cr\$, NCr\$, Cr\$, Cz\$, NCz\$, URV e R\$.

Unidades Monetárias: 1000 Réis e Um.

Christian Lüster

Um dinamarquês no Brasil

De:

Pal Nag Aas



*O que moedas
falsas dinamarquesas
de meados do século XIX
tem a ver com a numismática brasileira?
Aparentemente não há nenhum elo, mas há!
E o elo é o gravador Christian Lüster.*

O numismata Kurt Prober reconhece Lüster como "o maior gravador que tivemos"¹.

Gravador na Casa da Moeda do Rio de Janeiro desde 1855, gravou várias moedas e medalhas, até a sua morte em 1871.

A literatura numismática a mim acessível, quase não informa nada deste gravador. A pista da sua origem achei na Dinamarca, procurando moedas e medalhas brasileiras. Foi o numismata Peter Flensborg, em Copenhague, quem me deu as primeiras informações sobre este exímio gravador.

E a história começa com moedas falsas.

No ano 1849 apareceram várias moedas falsas de 5 *Skilling Slesvig-Holsten Courant* (= 1/12 *Speciedaler*) com o ano 1788 na capital dinamarquesa, Copenhague. O jornal "Salonens Nyhedsblad" de 7 de junho de 1849 deu a notícia da falsificação e lançou a teoria de que as moedas foram feitas com cunhos verdadeiros tirados da Casa da Moeda de Altona. O jornal indica, que os cunhos poderiam estar na posse de um certo duque ou rebeldes daquela área.² O mesmo jornal lança a idéia de que, talvez, o governo rebelde as usasse para pagamento do soldo dos soldados.

Mas a verdade era outra.

Já no dia 11 de julho um homem foi preso em flagrante, pagando mercadorias, com moedas falsas e logo depois, toda a quadrilha de falsificadores foi presa; o relojoeiro *Hans Christian Jensen* (25 anos), o ourives *Frederik Julius Christian Iselin* (38 anos), um ourives sueco *Johan Appelroth* e o gravador *Christian Laursen Lüster* (27 anos).

A ata do processo criminal é muita extensa e o numismata dinamarquês Georg Galster refere-se a partes desta para contar esta história, interessante também para a numismática brasileira.³

O relojoeiro Jensen veio da cidade de Aarhus para Copenhague em 1848. A situação financeira dele piorou dramaticamente, e achou ser a falsificação a única maneira de melhorar sua condição econômica. Ele pediu a ajuda de Lüster que por motivo de compaixão e por ter recebido ajuda financeira de Jensen durante a sua formação escolar, aceitou ajudá-lo. Primeiro foram feitos os cunhos para cunharem a moeda de 2½ Skilling Courant, mas decidiram não continuar com o projeto por existir poucas moedas destas em circulação e assim ser maior a possibilidade da falsificação vir a ser descoberta.

A produção das peças falsas aconteceu no apartamento de Jensen. Iselin era um dos mais ativos, por motivos financeiros, ele tinha garantido pela dívida de Jensen. Lüster, que não participou na produção, restringiu-se a gravar os cunhos. As moedas foram feitas de "metal branco"⁴ usando um cinzel redondo e depois de serem cunhadas, foram prateadas. Quantas peças foram feitas pelos falsificadores não se sabe ao certo, mas os presos confessaram ter produzido pelo menos 2.500 moedas de 5 Skilling de 1788.

Começaram gastar as moedas comprando mercadorias por 1 skilling, recebendo 4 de troco. Mas não calcularam com o efeito do seu ato: muita atenção e alerta popular. Eles se desfizeram das provas do ato jogando ao mar os cunhos e moedas não prontas.

Mas a falsificação não terminou por aqui. Produziram, ainda, peças de 32 *rigsbankskilling* 1842 (= 2 *Rigsbankmark*). As primeiras peças foram feitas de cobre, mas como o som do cobre difere do da prata, mudaram para latão.

O gravador Krohn testemunhou no processo, declarou que as peças sendo feitas assim era impossível distinguir uma peça falsa de uma verdadeira, sem um estudo apurado. Os pequenos detalhes que revelaram a fraude foram a falta de corôas nos leões e a falta da cruz de Delmenhorst, no escudete de coração.

Destas foram feitas 400 moedas. Com estas, Jensen e Iselin foram à cidade de Roskilde para por em circulação as moedas.

Foi nesta cidade que foram presos em flagrante no dia 11 de julho 1849.

No processo foi revelado que Lüster somente participou da falsificação para ajudar o seu amigo Jensen e não teve parte do lucro. No dia 6 de abril de 1850 foram julgados: Jensen foi condenado a pena de 10 anos e os outros a penas de oito anos.

Christian Laursen Lüster nasceu em Risberghus, na paróquia de Vejrum, no distrito de Hjerm, Dinamarca⁵, em 30 de maio de 1822. Filho do lavrador Laurids Christian Lüster e sua esposa Kirstine Marie Pedersdatter. Logo após a sua confirmação⁶, em abril 1837, ele começou como aprendiz com o seu tio, mestre de ourives E. O. Lüster. Em 1839 ele foi aceito na Escola de Formação de Profissionais - H. K. Højhed Arveprins Ferdinands Haandverkskole - onde ganhou o primeiro prêmio por "aplicação e competência". Foi ensinado na arte de gravar pelo reitor E. Hoegh Guldberg, que caracterizou o Lüster numa maneira muito favorável. Formou-se profissional em 1843.

Em 1844 foi aceito na Academia onde se formou gravador. Na Academia estudou sob a tutela do doutor Chr. Christensen até sua morte em agosto 1845.

Christian Lüster trabalhava como gravador até ser envolvido na falsificação de moedas pelo relojoeiro Jensen.

Após ser condenado, Lüster ficou preso por dois anos. Várias pessoas influíram e trabalharam para que ele fosse perdoado, e em 1852 a sua luta teve êxito: Lüster foi perdoado. Entre as pessoas que o ajudou estava o gravador Fredrik Christoffer Krohn⁷. Krohn ajudou-o a pagar a passagem para o Brasil e também em conseguir trabalho na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, a partir de 1. de março de 1855.

Acredito que poucas pessoas sabem, ou sabiam na época, destes detalhes da vida de Lüster. Num artigo nos "Annaes do Primeiro



Congresso de Numismática Brasileira” vol.II, conferência II proferida por Francisco Marques dos Santos, no dia 27 de março de 1936, sob o título “Medalhistas Brasileiros”, o autor conta que “...não me tendo sido possível encontrar na Casa da Moeda detalhes mais precisos sobre este gravador...”⁸

O mesmo autor conta sobre os acontecimentos na Casa da Moeda na época quando o Provedor⁹, Dr. Cândido de Azeredo Coutinho, estava em exercício, de 1850 a 1878. A oficina de gravura ia mal sob a fraca administração feita por Monteiro. Quando ele falece em 1866, Coutinho não pode nomear a pessoa que ele quer que assuma: Lüster. A lei obriga Coutinho a entregar a direção da oficina ao segundo abridor, Fidelis Ferreira Paradella, que a dirige até 1869.

Nos anos 1855 a 1863 Lüster prestava serviços à Casa da Moeda e não era funcionário público. Ele foi reconhecido como um



Prédio da Casa da Moeda (RJ) onde Lüster começou suas atividades, em 1855. Os serviços de gravação eram realizados no segundo pavimento.

ótimo gravador por Coutinho, como mostra a carta dele ao Ministro da Fazenda, em 1866: *"Não quero com isto dizer que não se gravam belas medalhas, pois elas continuarão enquanto o estrangeiro Lüster, que se desenvolveu na Casa, e que deseja ser brasileiro, nela se conservar."*¹⁰

Em dezembro de 1863 Lüster foi contratado como gravador na Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Por Decreto de 11 de agosto de 1869 foi nomeado Chefe da Abrição (Gravador Chefe) na mesma. Christian Lüster faleceu 17 de maio de 1871.

As obras de Lüster foram reconhecidas também pelo Imperador Dom Pedro II, que o nomeou Oficial da Imperial Ordem da Rosa, uma das três ordens da época.

Sobre a vida de Christian Lüster no Brasil não tenho mais detalhes. Se casou? E se casou, com quem? Teve filhos? De que morreu? Onde está enterrado? Talvez algum dos leitores saiba.

Lüster gravou várias moedas e medalhas brasileiras.

A sua assinatura aparece na maioria das peças na forma de "CL" ou "LÜSTER F" (=Lüster fecit = feito por Lüster).



Medalha de bronze comemorativa da 1ª. Exposição Nacional (1861), assinada no anverso e reverso por Christian Lüster.

Aqui segue a relação das moedas gravadas por ele, todas assinadas. Uma comparação entre as medalhas registradas por Meili, Cavalcanti, Bergsoe e Galster será tratada numa outra ocasião.

Ensaio e provas de cunho

1862

Lüster mo.1¹¹ - 2.000 Réis, prata, uniface (anverso) "LÜSTER F" abaixo do busto. AR¹²: E123.

1870

Lüster mo.2 - 2.000 Réis, madeira, "LÜSTER F" abaixo do busto. AR:E129A.

1875

Lüster mo.3 - 2.000 Réis, prata, módulo maior, "LÜSTER F" abaixo do busto. AR: E130.

Será que existe mais provas gravadas por Lüster?

Moedas de circulação

1867

Lüster mo.4 - 200 Réis, prata, "C.L." abaixo do busto. AR627

Lüster mo.5 - 500 Réis, prata, "C.L." abaixo do busto. AR630



Moedas do 3º Sistema com a assinatura de Christian Lüster.

1868

Lüster mo.6 - 10 Réis, bronze, "CL" abaixo do busto, AR784

Lüster mo.7 - 20 Réis, bronze, "CL" abaixo do busto, AR787

Lüster mo.8 - 200 Réis, prata, "CL" abaixo do busto. AR628

Lüster mo.9 - 500 Réis, prata, "CL" abaixo do busto. AR631

Lüster mo.10 - 2.000 Réis, prata, "LÜSTER F" abaixo do busto. AR633

1869

Lüster mo.11 - 10 Réis, bronze, com e sem ponto após Rs, "CL" abaixo do busto, AR785

Lüster mo.12 - 20 Réis, bronze, com e sem ponto após Rs, "CL" abaixo do busto, AR788

Lüster mo.13 - 200 Réis, "CL" abaixo do busto. AR629

Lüster mo.14 - 1.000 Réis, "LÜSTER F" abaixo do busto. AR632

Lüster mo.15 - 2.000 Réis, prata, "LÜSTER F" abaixo do busto. AR634

1870

Lüster mo.16 - 10 Réis, bronze, "CL" abaixo do busto, AR786

Lüster mo.17 - 20 Réis, bronze, "CL" abaixo do busto, AR789

(Christian Lüster faleceu em 1871).

1875

Lüster mo.18 - 2.000 Réis, prata, "LÜSTER F" abaixo do busto. AR635

1876

Lüster mo.19 - 2.000 Réis, prata, "LÜSTER F" abaixo do busto. AR636

Agradecimento:

Desde que descobri as primeiras pistas sobre o ilustre gravador Christian Lüster estou contando com a ajuda do amigo Júlio Silvio de Souza Bueno, de São Paulo. Dando conselhos, corrigindo o meu português e ajudando na pesquisa me incentivou a escrever este artigo. Meus sinceros agradecimentos.

Fontes:

* "Annaes do Primeiro Congresso de Numismática Brasileira" vol.II, São Paulo 1940.

* Vilhelm Bergsoe: "Danske Medailler og jetons fra 1789-1891" (*Medalhas e fichas dinamarquesas de 1789 a 1891*) Copenhagen 1892, reimpressão 1978.

* Georg Galster: "Falskmønteriet 1849 og Medaillør Chr. Lüster" (*As Moedas falsas de 1849 e o gravador Chr. Lüster*) em Nordisk Numismatisk Arsskrift (*Anuário Numismático Nórdico*) 1948.

* Peter Flensburg: "Numismatisk Leksikon" Dansk Numismatisk Forening 1996.

* Kurt Prober: "Catálogo das Moedas Brasileiras", 3ª ed.

* Arnaldo Russo: "Livro das Moedas do Brasil", 9ª ed.

Comentários e sugestões podem ser enviados para:

Pal Nag Aas
Oscarsgt.9
0352 Oslo
Noruega
e-mail: **nag57@frisurf.no**

Notas:

¹ "Medalhas do Brasil" de Kurt Prober.

² Slesvig-Holsten - ou Schleswig-Holstein em alemão - fica na área da fronteira entre Dinamarca e Alemanha e foi disputado por ambos os países nos séculos XVIII e XIX. Foi anexado pela Prússia em 1866.

³ Georg Galster: "Falskmønteriet 1849 og Medaillør Chr. Lüster" (*As Moedas falsas de 1849 e o gravador Chr. Lüster*) em Nordisk Numismatisk Årsskrift (*Anuário Numismático Nórdico*) 1948.

⁴ "german silver" - "prata alemã" (em inglês); uma liga de cobre, zinco e níquel.

⁵ Kurt Prober informa, no livro "Medalhas do Brasil", que Lüster era alemão. O correto é dinamarquês.

⁶ Foi confirmado na Igreja de Vejrum (Igreja Evangélica Luterana) no dia 2 de abril de 1837, com nota final - na época todos os confirmandos ganharam notas - muito bom, na matéria de conhecimento cristão e com bom, em comportamento.

⁷ Fredrik Christoffer Krohn (1806-83) gravador e escultor dinamarquês. Trabalhou nas Casas da Moeda de Copenhague (1841-73) e de Altona (1841-52).

⁸ "Annaes do Primeiro Congresso de Numismática Brasileira" vol.II, p.52

⁹ Vários títulos tem sido usados para designar o chefe do estabelecimento. O título Diretor for usado de 1878 a 1964, e de 1964 a 1973 Diretor-Executivo. A partir de 1973, usa-se o título Presidente.

¹⁰ Veja anotação VIII.

¹¹ Minha numeração.

Lüster mo.# = moedas gravadas por Lüster.

Lüster me.# = medalhas gravadas por Lüster.

¹² Arnaldo Russo "Livro das Moedas do Brasil" 10ª ed.

Noções Numismáticas

Joel A. Gosling



Este artigo, através de algumas expressões relacionadas à numismática em geral, é dirigido aos novos associados e esperamos, possa ser ampliado, discutido, e incentivar informações com os mais experientes.

Ao tratarmos de moedas e medalhas, temos terminologias especiais constituídas em verbetes próprios, expressões consideradas técnicas não fácil de encontrarmos.



6400 réis - 1832 R
(Anverso).

Assim sendo, iniciamos por **ANVERSO** que é a face principal da moeda ou medalha, onde estão as efígies de soberanos, chefes de estado,

homenageados com indicações realçadas através

de tipos, epígrafes e legendas. Já a parte oposta ao anverso, virando-o, temos outras figuras e inscrições a enriquecê-lo, sendo denominada de **REVERSO**.



6400 réis - 1832 R
(Reverso).

REVERSO INVERTIDO é aquele que tem posição contrária àquela original, ou seja, a oficial. O cunho do reverso fica na posição inversa ao original da moeda. Para isto adotamos o sentido de girar a moeda pelo eixo vertical. O reverso invertido é posição contrária da original, cujo anverso é girado verticalmente ao obtermos o reverso. As demais posições saem daí: horizontal, inclinada, esquerda ou direita, mas sempre em relação ao anverso oficial.

O disco de metal que não recebeu o cunho, sem a cunhagem, é conhecido por “chapinha” ou, simplesmente, **DISCO**.

A face ou superfície sobre a qual estão gravadas as efígies, os tipos, as composições e inscrições, ou o fundo da moeda ou medalha, é denominada de **CAMPO**.



O espaço inferior do campo, onde algumas vezes se tem um traço horizontal, é reconhecida por vários detalhes como a data, o local de cunhagem, a sigla do gravador ou abridor do cunho, onde ocasionalmente temos também a letra monetária, é denominada de **EXERGO**.

Circundando o campo, a parte mais elevada em relação à superfície da moeda, contornando os tipos e limitando sua superfície, é a **ORLA** e, por isso, é feita um pouco mais elevada do que a gravura cunhada. **REBORDO** já está no limite da orla, aquela parte mais alta e assim, quando a peça estiver em circulação, pode sofrer menos desgaste de seus caracteres.

BORDO é a parte curva da moeda e por ele podemos distinguir a espessura do disco cunhado; autores dão com o mesmo significado **CERCADURA** (para nós ele ocupa a orla, circundando os tipos) ou **SERRILHA** no ladeamento da circunferência da moeda ou medalha. Merece atenção esta parte pois as várias modalidades fazem o bordo ser irregular, liso ou possuindo inscrições em alto e baixo relevo e aí a serrilha, como é mais conhecida, tendo vários tipos: lisa, com ranhuras transversais, estriadas, cordão, serrilhada tulipada (por ter seus ornatos em forma de tulipas), serrilha floreada e outras. Um adendo: as nossas moedas de 960 réis geralmente deixam aparecer a serrilha da moeda primitiva sobre a qual foram batidos os cunhos.

Quando a moeda foi desbastada, raspada ou sofreu um alisamento, por exemplo feito por uma lima ou lixa, no bordo ou serrilha diz-se que ela é **CERCEADA**.

À partir do alto: 1 escudo de ouro de Bogotá (1622); 8 reales de prata - Potosi (1619); 8 escudos de ouro do México (1714). As moedas coloniais espanholas eram vítimas constantes do **cerceamento**.



O **MÓDULO**, ou seja, o diâmetro da moeda, determinado em milímetros, pode ser pequeno, médio ou módulo grande. E em relação à **FORMA**, temos moedas circular, quadrada, irregular, cifatada ou escudelada e muito mais variações.

Quanto ao **VALOR** pode ser forte ou fraco, referindo-se ao peso não exato das moedas, ou aos sistemas monetários, como exemplo, aqueles que foram existentes no nosso período colonial. Estão considerados três tipos de valor – o **intrínseco**, relacionado ao metal utilizado na cunhagem, – o **extrínseco**, que está relacionado a sua circulação e ao valor facial e, o que nos interessa, o terceiro – o valor **numismático**, ou como queiram, o valor estimativo, que os colecionadores se propõem a adquirir, estando relacionado ao grau de raridade, a data, à conservação, variantes, etc.

Também as moedas podem ser classificadas como nacional, regional, local, provincial. Há outrossim aquelas que foram cunhadas durante determinadas condições políticas, por exemplo, a ocupação holandesa no Brasil, são as chamadas **OBSIDIONAIS**; pois se considera o cerco de certas regiões ou mesmo cidades e com características diferentes das moedas correntes, geralmente utilizando metal inferior e de fabricação bem irregular. Moedas de **NECESSIDADE** quando, sob dificuldades financeiras ou estarem os sistemas envolvido em problemas sociais daí decorrentes, como calamidades públicas, suas cunhagens são chamadas de **EMERGENCIAIS**.



Exemplos do carimbo “Maranhão”. Várias moedas de cobre foram **contramarcadas** com esse carimbo no princípio do segundo império.

Temos moedas que receberam carimbos quando em circulação: são as

CONTRAMARCAS, e o intuito de sua aplicação é nacionalizá-las ou mesmo torna-las regionais, ou então mudar seu valor para o qual foram cunhadas. Em nosso meio são conhecidos os “carimbos coroados”, os “960 de Minas”, de “Mato Grosso”, de “Cuiabá”, também os “Escudete”, os carimbos “Geral”, “Maranhão”, “Ceará”, “Pará”, “ICO”, e os difíceis carimbos “Primitivos do Império”, “Piratini”.



Ensaio de moeda de 40 réis republicana (1889), posteriormente não aprovado.

ENSAIOS são peças cunhadas para servirem de modelos, cujas as amostras não foram aprovadas por autoridades e, portanto, não entraram em circulação; também serviram para ser verificados aspectos técnicos, como material, o título, etc.

PROVA é peça ocasionalmente feita para colecionadores, tendo cunhagem

diferenciada por ter uma superfície polida, a chapa tem seu disco polido, ou às vezes em materiais diferentes dos que entram em circulação, como em tempos atrás, eram feitas em madeira servindo para acertar, ajustar e regular as máquinas da cunhagem.



Prova de uma moeda 100 réis de 1886, cunhada em madeira.

E porque não tratar quanto à autenticação? A moeda pode ser **FALSA**, de época ou não da cunhagem mas imiscuídas como **LEGÍTIMAS** na circulação; **FALSIFICADA**, para iludir colecionadores; com adulterações (especialmente na data), tida como **ADULTERADA** e, aquelas de fantasia mencionadas como **APÓCRIFAS**.



Moedas **Autênticas**, contramarcadas com duas variações de Carimbo Piratini **Falsificado**.

Com respeito ao material, temos a cunhagem de vários metais como o ouro, a prata, o cobre, níquel, alumínio, aço, e com composição destes elementos, as ligas, bronze, bronze-alumínio (amarelas), cobre-níquel, alpaca, etc.

Com respeito às classificações do estado de conservação, preferimos as que perduram em nosso meio, com as seguintes terminologias: **FC** – “**FLOR DE CUNHO**” – cujo estado é perfeito, não há mostras de circulação; **S** – “**SOBERBA**” – as que possuem alguns vestígios de circulação mas não tem ofensas nítidas ou grosseiras à cunhagem; **MBC** – “**MUITO BEM CONSERVADA**”, é um meio termo, a moeda já teve circulação mas conserva seus caracteres intactos embora se note leve depreciação; **BC** – “**BEM CONSERVADA**” – o desgaste é evidente porém sem ofender a compreensão dos detalhes, embora tenha pequenos defeitos como batidas, riscos, arranhados e, por último, **UTG** – “**UM TANTO GASTA**”, onde os caracteres sofreram em demasia por sua circulação, falham inscrições, detalhes, perdem-se legendas, faltam estrelas, tem excesso de pancadas, batidas ou furadas, etc. Um lembrete, nos interessa “UTG” apenas se tratando de raridades...

VALOR E RARIDADE

O valor de uma moeda antiga depende de uma série de fatores. Antigüidade não quer dizer necessariamente raridade. Uma moeda pode ser rara 30 anos após ter sido cunhada e pode não ser rara uma outra de 200 anos. Isto porque a moeda de 200 anos pode ter uma cunhagem muito grande e a de 30 anos uma cunhagem limitada. A raridade nem sempre torna a moeda mais cara. Se tivermos 100 colecionadores, 80 dedicam-se ao período imperial e da república. Os outros 20 colecionam moedas da colônia. Então uma peça da república tem, com certeza, 80 compradores. A da época da colônia tem 20 colecionadores. Então, o número de interessados neste caso é menor, diminuindo a procura. Logicamente o preço pode ficar menor.

A moeda mais importante e uma das mais raras do Brasil é a denominada “Peça da Coroação” em ouro. Foi cunhada especialmente para a cerimônia da coroação de D. Pedro I em 1822. Ao que consta, foram 64 exemplares cunhados. Desses, só se tem notícia cerca de 17.



“Peça da Coroação”.
Uma das mais **raras**
moedas brasileiras.

Dentre as moedas de prata de raríssimo valor está o 640 Réis de 1833. Foi cunhada na Casa de Moeda do Rio de Janeiro no reinado de D. Pedro II. Apenas dois exemplares são conhecidos.

CARIMBOS

Há três espécies de carimbos em nosso numário:

Carimbo de escudete - aplicado com as armas portuguesas nas moedas a fim de lhes aumentar o valor. As moedas de cobre tiveram o seu valor duplicado, ao passo que as de prata, os “J”, apenas foram aumentados em 40 réis os de 600 réis e as demais em proporções relativas as suas subdivisões.

Carimbo geral - sua característica é de um fundo linhado ou liso, dentro de um círculo, aplicado no cobre brasileiro baixando o valor, em carimbos de 40, 20 e 10 réis.

Carimbo local - Muitos destes carimbos em moedas brasileiras não tem origem amparada por Lei, cunhados em várias rebeliões, evitando que as moedas fossem evadidas para outras regiões ou províncias fora da rebelião; elas circulavam com 50% dos seus valores. Os carimbos “M” do Maranhão e a “estrela” do Ceará são exemplos de carimbos locais. Há também os carimbos em moedas estrangeiras para nacionalizá-las, como os carimbos de 960 para Minas e aqueles de Mato Grosso, aplicados em moedas espanholas.



*Exemplos de moedas de cobre com **carimbos** Ceará, também com aplicações de Geral e Escudete.*

CARIMBOS PARTICULARES

Como o próprio nome já diz, tratam-se de contramarcas aplicadas por particulares em moedas dos mais variados metais e épocas. Durante a segunda metade do século XIX foram muito utilizados no Brasil, devido a intensa falta de troco no meio circulante, principalmente no comércio do interior.



Serviam essas contramarcas para dar às moedas carimbadas um valor convencional habitualmente maior que o valor facial ou circulatório, e seriam garantidas pelo novo emissor, pessoa ou firma de boa reputação no lugar onde tais peças viriam a ter curso. Muitas vezes as letras, ou combinações de letras nada mais eram do que as iniciais dos nomes dos fazendeiros, donos de engenho, negociantes, etc. que se valiam de tal recurso.

*Moedas brasileiras com diversos **carimbos particulares**.*

MOEDAS PARTICULARES

Assim como no item anterior, as moedas particulares foram utilizadas para suprir a falta de troco de certas regiões.

Trata-se de uma evolução do conceito dos carimbos particulares.



*Algumas das diversas **moedas particulares** brasileiras.*

LEGENDAS

Várias legendas em latim foram utilizadas nas moedas Brasileiras durante a Colônia, Reino-Unido e Império:

AES USIBUS APTIUS AURO - O cobre para o uso é mais próprio que o ouro;

IN HOC SIGNO VINCES - com este sinal vencerás;

MODERATO SPLENDEAT USU - Brilharás pelo uso moderado;

SUB Q. SIGN. NATA STAB. - Sob este sinal nasceu e permanecerá;

PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM - O dinheiro circula por todo o mundo.

PERÍODOS

Os diversos períodos de nossa história são, por datas, descritos:

1500 a 1580 - Colônia portuguesa

1580 a 1640 - Domínio espanhol

1640 a 1815 - Colônia portuguesa

1815 a 1822 - Reino Unido

1822 a 1889 - Brasil Império

1889 até hoje: Brasil República

Alguns autores destacam o período holandês, elucidando assim:

1624 - Ano de tomada da Bahia, cuja invasão vai até:

1625 - Período da restauração da cidade;

1630 - Início da segunda invasão com as tomadas de Olinda e do Recife. O governo instalou-se em Pernambuco e estendeu-se desde o Rio Grande do Norte até Alagoas (isto por volta de 1635) e, em 1644 foram expulsos do Ceará e Maranhão. A resistência oferecida por volta de 1648 culmina na libertação do Recife em 1654;

1654 - Fim do domínio holandês no Brasil.



DINASTIAS

Na época do Brasil Colônia, tivemos as seguintes dinastias:

AVIZ - **1495 a 1521**, D. Manuel
 1521 a 1556, D. João III
 1556 a 1578, D. Sebastião
 1578 a 1580, Cardeal D. Henrique I
 (D. Antonio I ,Prior do Crato, em **1580**)

**HABSBURGO-
ARAGAO -** **1580 a 1598**, Felipe I
 1598 a 1621, Felipe II
 1621 a 1640, Felipe III

BRAGANÇA - **1640 a 1656**, D. João IV
 1656 a 1683, D. Afonso VI
 1683 a 1706, D. Pedro II
 1706 a 1750, D. João V
 1750 a 1777, D. José I
 1777 a 1786, D. Maria I e D. Pedro III
 1786 a 1799, D. Maria I
 1799 a 1826, D. João VI (menção como
 Príncipe Regente desde **1792**)

**BRAGANTINA
BRASILEIRA
(Brasil Império) -** **1822 a 1831**, D. Pedro I
 1831 a 1889, D. Pedro II

REGÊNCIAS

No segundo Império tivemos as seguintes regências::

Regência Trina Provisória - 1831 (Francisco Lima e Silva, José Joaquim Carneiro de Campos e Nicolau Pereira de Campos Vergueiro).

Regência Trina Permanente - 1831 a 1835 (Francisco Lima e Silva, José da Costa Carvalho, João Bráulio Muniz);

Regência Una - 1835 a 1837 (Diogo Antonio Feijó);
1837 a 1840 (Pedro de Araújo Lima);

A partir de **1840**, D. Pedro II começou seu governo como Imperador até 15 de novembro de 1889.

BRASIL REPÚBLICA

Vamos frisar os presidentes dos 10 primeiros períodos e alguns fatos neles ocorridos:

-**1889 a 1891**- Governo Provisório da República (Marechal Deodoro da Fonseca);

-**1891 a 1894** – 1.º período presidencial (O marechal Deodoro da Fonseca passou ao seu substituto Marechal Floriano Peixoto, então seu Vice-Presidente);

-**1894 a 1898** – 2.º período presidencial (Dr. Prudente José de Moraes Barros);

-**1898 a 1902** – 3.º período presidencial (Dr. Francisco Manuel Ferraz de Campos Sales – 4.º Presidente);

-**1902 a 1906** – 4.º período presidencial (o 5.º presidente eleito em março de 1902 mas empossado em 15 de novembro de 1902 foi o Dr. Francisco Rodrigues Alves);

-**1906 a 1910** – 5.º período presidencial (o 6.º presidente eleito foi o Dr. Afonso Augusto Moreira Pena mas pelo seu falecimento governou até 14 de junho de 1909 e o vice-presidente Dr. Nilo Peçanha torna-se o 7.º presidente);

-**1910 a 1914** – 6.º período presidencial (Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca);

-**1914 a 1918** – 7.º período presidencial (Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes);



-1918 a 1922 – 8.º período presidencial (novamente foi eleito o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves e, por estar enfermo, o vice-presidente Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro assumiu. Dr. Rodrigues Alves veio a falecer, sendo nosso 5.º e 10.º presidente. Por nova eleição foi eleito o Dr. Epitácio Pessoa (11.º) de 16 de julho de 1919 até 15 de novembro de 1922);

-1922 a 1926 – 9.º período presidencial (Dr. Artur da Silveira Bernardes);

-1926 a 1930 – 10.º período presidencial (Dr. Washington Luiz Pereira de Souza (13.º) foi deposto em 24 de outubro de 1930. Assumiu uma junta provisória composta pelos Generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Contra-Almirante Isaías de Noronha que durou apenas uma semana. Isso ocorreu pois o Dr. Getúlio Dorneles Vargas a destituiu e, como Chefe da Revolução Nacional começada em 3 de outubro de 1930, foi investido do cargo);

Este período da Revolução de 1930, é dividido em três:

-Governo Provisório: 1930 a 1934: O Dr. Getúlio Dorneles Vargas recebe o governo da República em 3 de novembro de 1930, mas, em 15 de novembro de 1933, tivemos a instalação da Constituinte. Este período vai até 16 de julho de 1934;

-Governo Eleito: 1934 a 1937 - Face a nova Constituinte o 14.º presidente eleito pelo Congresso foi o Dr. Getúlio Dorneles Vargas;

-Estado Novo: 1937 - Em 10 de novembro, por um golpe de estado, o presidente dissolve as Assembléias, Câmaras e dá ao País nova Constituição, conservando o regime presidencial. Na realidade, o Dr. Vargas permaneceu no poder de 1930 a 1945.

Posteriormente, com maiores detalhes, são merecedores os presidentes seguintes como Eurico Gaspar Dutra, novamente Getúlio Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek e os outros, de um trabalho mais extenso e pormenorizado.

Colar Cruz do Alvarenga e dos Heróis Anônimos

Instituto Histórico,
Geográfico e Genealógico
de Sorocaba



Preâmbulo

Desde de 1976, o Dr. Hely Felisberto Carneiro reivindicava a correção da falha histórica, assim como o resgate da memória de Orlando de Alvarenga, ao merecido lugar de destaque na história da revolução constitucionalista paulista.

O Prof. Adilson Cezar, Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, idealizou e desenvolveu a criação desta láurea que, em reunião de 09 de novembro de 1993, a Diretoria da Sociedade Veteranos de 32-MMDC aprovou como medida atenuadora ao esquecimento desse mártir e, por extensão, a todos os muitos “Heróis Anônimos” que tombaram pela causa constitucionalista.

Neste ano em que se comemora o septuagésimo aniversário da Revolução Constitucionalista, a Diretoria do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba resolveu chamar a si a iniciativa de concretizá-la.

A finalidade da mesma é galardoar as personalidades civis, militares e instituições públicas e privadas, que tenham contribuído de alguma forma para a recuperação histórica e a preservação da ordem constitucional e, assim, prestado relevante serviço ao povo paulista e para o engrandecimento do Brasil.

Descrição

No Anverso

Uma cruz de goles, com 70 mm. (setenta milímetros) de comprimento, por 10 mm. (dez milímetros) de largura, sobreposta a uma cruz de sable, com 60 mm. (sessenta milímetros) de comprimento, por 16 mm. (dezesseis milímetros) de largura, carregada de monogramas, com as letras MMDC A, tudo de ouro, cada uma em um braço, no sentido horário, sendo a última no centro.

Tudo sobreposto a duas espadas cruzadas, de 70 mm. (setenta milímetros), de prata e guarnecida de ouro.

No Reverso

No centro, o Brasão do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

A Fita

Essa composição é suspensa ao pescoço em forma de colar, sendo a fita de gorgorão de seda chamalotada, com 35 mm. (trinta e cinco milímetros) de largura, com as seguintes cores, às quais correspondem os esmaltes e metais:

De goles (vermelho) com uma listra central com 15 mm. (quinze milímetros), e em seqüência uma listra de prata (branco) de 5 mm. (cinco milímetros) e nas bordas uma listra de sabre (preto) com 5mm. (cinco milímetros).

Justificativas

A Cruz

A Cruz sempre foi símbolo por excelência do sofrimento, do martírio, espírito de abnegação e doação e é dessa forma utilizada por uma grande parcela da humanidade.

Das peças utilizadas pela medalhística, é das mais importantes e nobres, sendo muito difundida no mundo cristão-ocidental, e é principalmente representativa dos tributos e feitos bélicos.

Em nosso estudo, ela reflete essa tendência, de luta e martírio, especificando o evento histórico, a violenta comoção pela qual passou o povo de São Paulo durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

De goles

Goles é a terminologia heráldica utilizada para designar o esmalte vermelho, que representa o espírito de rebeldia, não conformismo e consequência a de “derramamento de sangue em batalha”.

É a recordação dos combates, dos episódios sangrentos e heróicos, ocorridos em 1932.

Indicativo ainda de audácia, galhardia, nobreza, magnanimidade, atrevimento, intrepidez, vitória, honra e furor em vencer inimigos com sangue.

Pelo seu grande significado, é a cor primeira desta comenda, sua essência, seu coração, ocupa também na fita, o seu centro e sua maior dimensão.



*Cruz do Alvarenga e
dos Heróis Anônimos
(Anverso)*

Sobreposta

Significando a colocação de uma peça sobre outra peça, a cruz de goles está colocada acima de outra cruz. A cruz de goles, tem um comprimento maior e largura menor daquela que a suporta, com a finalidade de se criar uma ilusão ótica de profundidade, isto é, de que existem ao fundo outra cruz ou cruces.

Realmente a intenção da “cruz sobre a cruz”, é a representatividade da pluralidade de cruces, simbolizando a multiplicidade dos sacrificados, todos aqueles que tombaram, das famílias que muito investiram por um ideal.

De sable

É a denominação heráldica empregada para a cor negra. Depois da luta sangrenta, do ardor da batalha, sobrevém a consciência da morte, da dor, o silêncio, aqui todos esses sentidos estão representados por esse esmalte.

Entrementes, se é representativo do luto, de tristeza é também símbolo de fortaleza, firmeza, constância e sabedoria, conhecimento adquirido através de extenuante sofrimento.



*Cruz do Alvarenga e
dos Heróis Anônimos
(Reverso)*

Perfilado

É o nome que se dá a um filete colocado nas bordas, e que traz um esmalte ou metal diferente do campo.

De ouro

É dos metais o mais nobre, simboliza a “força, a fé a riqueza, o mando”. É também o produto de “esplendor, soberania, solidez, prosperidade, eternidade, etc...,”

Pelo fato deste metal não deixar-se oxidar, isto é, estragar e dada a sua perenização, adotamos como símbolo radiante dos princípios que representam esta venera, - a ordem, a lei, a constituição.

Por esse motivo fazemos esse metal figurar, no perfilado e na empunhadura ou guarnição da espada; é o ideal, que conduz a mão destra do soldado constitucionalista.

Sem fecho

Confirmando a representatividade anterior, o perfilado nos braços das cruzes, partem das proximidades do centro, do “coração” radiante, mas não se fecham no final destas. Entenda-se com isto, a inexistência de limites; é como se buscassem um plano muito mais abrangente ou abraçar a todos em uma única e inequívoca chamada.

Igualmente cobrem-se de ouro os monogramas, as letras que devem ser para sempre preservadas, eternizadas, imortalizadas na memória do povo de São Paulo pela grandeza do Brasil.

Carregada

Designa-se por essa terminologia a peça móvel, quando colocada dentro de outra, no caso as letras soltas no interior ou campo da cruz.



As letras MMDC A

Estas letras que foram colocadas no interior da Cruz, é a carga identificável dela própria; são os primeiros que tombaram em defesa da causa “constitucionalista paulista”.

No sentido horário

Utilizamos-nos do sentido horário com o significado de disciplina e organização.

Assim a sigla pela qual ficou conhecida a admirável Sociedade Paulista, e a consagrou na História e na Tradição de nossa gente, batizada cada segmento da Cruz.

M = EUCLIDES BUENO MIRAGAIA

M = MÁRIO MARTINS DE ALMEIDA

D = DRÁUZIO MARCONDES DE SOUZA

C = ANTONIO AMÉRICO DE CAMARGO ANDRADE

Entrementes, no fatídico dia 23 de maio, quando do confronto das facções opostas, além dos quatro, mais dois jovens saíram feridos nessa refrega, sendo que um destes veio a falecer em consequência dos ferimentos recebidos.

A = ORLANDO DE ALVARENGA

Como na ocasião em que ocorreu o infausto acontecimento da morte deste quinto jovem (12/08/1932), a Sociedade Veteranos de 32 MMDC, encontrava-se criada e o Estado de São Paulo envolvido em titânica luta, não foi nem seria possível inscrever ou acrescentar a inicial do nome deste “mártir” à sociedade existente.

O tempo passou, circunstâncias desfavoráveis, o natural esquecimento e atualmente até mesmo por uma questão da consagração da já tradicional MMDC, e sem dúvida do elevado número de baixas havidas posteriormente, acreditam-se os Veteranos que não se deve alterar a sigla que é indiscutivelmente o “**Orgulho dos Paulistas**”.

Mas tal atitude, por outro lado, não deve permitir que se olvide o nome de **ALVARENGA**, e por isso, com o sentido de resgate histórico e justiça, optamos por centralizar o A, no coração da Cruz, referindo-se explicitamente a esse personagem. Mas recordando que esta letra, felizmente é também inicial da palavra **ANÔNIMO**, guarda assim a duplicidade simbólica de homenagear também a todos os **HERÓIS ANÔNIMOS**, aqueles que tombaram ou não e o são pela sua bravura e coragem, merecedores da eterna gratidão de nosso Estado e de todos os Brasileiros.

Sobreposto de tudo

A expressão é clara, indica que um peça determinada foi colocada sobre outra ou outras (tudo).

Espadas cruzadas

O todo, com referência ao conjunto das cruzes, foi colocado sobre duas espadas cruzadas.

Em nosso caso, duas espadas cruzadas, é para efeito estético, de manutenção do equilíbrio do conjunto e deve ser indicativo do espírito belicoso.

A espada simboliza a guerra.

É emblema de origem, ou vontade guerreira.

De prata

Utilizamo-nos deste metal para a lâmina da espada, pois tem por significado, a “inocência, pureza, temperança, verdade, limpeza e integridade”.

Na conjugação de símbolos, representa aqui, o ânimo guerreiro, livre de impurezas, colocado a serviço do ideal libertário, da autodeterminação dos povos dentro da ordem, identificada pela obediência constitucional.



Guarnecida

A espada, via de regra, é sempre apresentada sem bainha e quando desejamos representá-la esta com a guarnição e o punho de outro esmalte ou metal, diz-se respectivamente, guarnecida ou empunhada, citando o esmalte ou metal. Aqui utilizamos conforme já foi descrito, a lâmina de prata e guarnição e punho de ouro.

A Fita

Esta reproduz o simbolismo dos esmaltes e metais utilizados, acentuando a sua representatividade e evidenciando-a. Deixamos apenas de usar o ouro nesta, por ser nosso desejo homenagear as cores mais indicativas da Bandeira do Estado de São Paulo.

Assim o coração é de goles (vermelho), consagrado à revolução e está ladeado pela prata (branco), a pureza das intenções e seguido do sable (preto), representando a firmeza de nossas convicções e a dor emanada da luta.

Decreto N.º 46.718 de 25 abril de 2002

GERALDO ALCKMIN, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais e à vista da manifestação do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito,

Decreta:

Artigo 1º – Fica oficializado, sem ônus para os cofres públicos, o Colar “Cruz do Alvarenga e dos Heróis Anônimos”, instituído pelo Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, nos termos do Regulamento que acompanha este Decreto.

Artigo 2º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 25 de abril de 2002.

GERALDO ALCKMIN

Dalmo Nogueira Filho
Secretário do Governo
e Gestão Estratégica

Rubens Lara
Secretário-Chefe da Casa Civil



Regulamento do Colar

Artigo 1º - O Colar “Cruz do Alvarenga e dos Heróis Anônimos”, criado pelo Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, tem por objetivo galardoar as personalidades civis, militares e instituições públicas e privadas, que tenham contribuído de alguma forma para recuperação histórica e a preservação de ordem constitucional e assim prestado relevante serviço ao povo paulista e para o engrandecimento do Brasil.

Artigo 2º - O Colar de que trata o artigo 1º deste regulamento tem a seguinte descrição:

I – no anverso, por uma cruz de goles, com 70 mm. (setenta milímetros) de comprimento, por 10 mm. (dez milímetros) de largura, sobreposta a uma cruz de sable, com 60 mm. (sessenta milímetros) de comprimento, por 16 mm. (dezesesseis milímetros) de largura, ambas perfiladas de ouro sem fecho em seu término, carregada de monogramas, com as letras MMDC A, tudo de ouro, cada uma em um braço, no sentido horário, sendo a última no centro. Tudo sobreposto, a duas espadas cruzadas de 70 mm. (setenta milímetros), de prata e guarnecida de ouro;

II – no verso, ao centro, o Brasão do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba;

III – essa composição é suspensa ao pescoço em forma de colar, sendo a fita de gorgorão de seda chamalotada, com 35 mm. (trinta e cinco milímetros) de largura, com as seguintes cores, às quais correspondem os esmaltes e metais:

De goles (vermelho) uma listra central com 15mm. (quinze milímetros), e em seqüência uma listra de prata (branco) de 5 mm. (cinco milímetros) e nas bordas uma listra de sable (preto) com 5 mm. (cinco milímetros).



§ 1º - Acompanharão a medalha, a miniatura, a botoeira, a barreta, o respectivo diploma e de uma plaqueta contendo um histórico descritivo da mesma.

§ 2º - O diploma terá as características e dizeres a serem estabelecidos pelo Conselho do Colar, de que trata o artigo 3º deste regulamento.

Artigo 3º - A Diretoria do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, estabelecerá a formação do Conselho do Colar “Cruz do Alvarenga e dos Heróis Anônimos”, fornecendo-lhes plenos poderes para a decisão da concessão da citada Medalha.

Parágrafo Único. O referido Conselho, será regido por Regulamento Interno, estipulado pela Diretoria do Instituto.

Artigo 4º - As propostas para a concessão serão dirigidas ao Conselho do Colar, em formulário próprio e se farão acompanhar do “Curriculum Vitae” do proposto bem como as razões que se justifiquem.

§ 1º As indicações para a concessão poderão ser feitas ao Conselho do Colar, por intermédio de qualquer sócio do Instituto, desde que em gozo pleno de seus direitos.

§ 2º A condecoração poderá ser concedida a título póstumo.

Artigo 5º - A aprovação dependerá da maioria absoluta dos votos do Conselho do Colar, “ad referendum” do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito.

Artigo 6º - Os diplomas acompanhados do “Curriculum Vitae” do indicado, serão encaminhados ao Conselho Estadual de Honrarias e Mérito para deliberação e registro.

Parágrafo Único. A recusa do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito em registrar o diploma, importará no cancelamento da indicação.

Artigo 7º - A entrega da venera será feita preferencialmente em solenidade pública e em data vinculada a feitos históricos.

Artigo 8º - Perderá o direito ao uso do Colar, devendo restituí-la ao Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, juntamente com os complementos, o agraciado que praticar qualquer ato atentatório à dignidade ou ao espírito da honraria.

Artigo 9º - Na hipótese de extinção da Medalha, seus cunhos e exemplares remanescentes serão recolhidos ao Conselho Estadual de Honrarias e Méritos, sem ônus para os cofres públicos.

Parágrafo Único. A medida de que trata o “caput” será determinada pelo Conselho do Colar, por maioria absoluta de seus membros, comunicando-se ao Conselho Estadual de Honrarias e Mérito.

Artigo 10º - O presente regulamento apenas poderá ser alterado, após a submissão ao Conselho Estadual de Honrarias e Mérito.

Referências Bibliográficas

ALEIXO IRMÃO, José. Insígnia da Academia. Revista da Academia Sorocabana de Letras. Sorocaba, ASL, 1:8-11, Dez., 1979, p.:09

BIEDERMANN, Hans. Dicionário Ilustrado de Símbolos. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1993.

BÖCKLER, A.G.. Ars Heraldica. Das ist: Hoch-edle Teutsche Adeks-Kunst. Nurembergue. 1688, Reedição: Graz, 1971.

CAIRO, Giovani. Dizionario Ragionato dei Simboli. Milano: Hepli, 1934.

CAMAIANI, Conte Piero Guelfi. Dizionario Araldico. 3.ª ed., Milano, Ulrico Hoepli, 1987.

CEZAR, Adilson. Insígnia do Centro de Estudos Históricos Varnhagen da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba. In; Revista de



Estudos Universitários. Vol. 7, n.º 2, Sorocaba, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Sorocaba, 1981.

CHEVALIER, Jean /e Gheerbrant, Alain. Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 7ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

CIPRÉS, Gregório Garcia. Diccionario Heráldico. Huesca, 1916.

COSTON, B. de. Origine, étymologie et signification de nomes propres et des armoiries. Paris, 1867.

CROLLALANZA, Goffredo. Dizionario Storico Blasonico. Pisa, 1876-1877.

D'HAUCORUT, Genieviève /e Durovault, Geroges. Le Blason. 1ª ed. (Que sais-je?), Paris, Presses Universitaires de France, 1949.

FERREIRA, G. L. Santos. Armorial Português. Lisboa, 1923, 3v.

GINANNI. L'Art del Blasone dichiarata per l'alfabeto. Venezia. 1756.

LEONHARD, Walter. Das grosse Buch der Wappenkunst: Entwicklung-Elemente Bildmotive-Gestaltung. München: Callwey, 1984.

MATTOS, Armando. Heráldica (estudos, notas & comentários). Porto, Ed. Portucalense, 1940.

MOYA, Salvador de. Biblioteca Genealógica Latina: Simbologia Heráldica. São Paulo, Instituto Genealógico Latino Brasileiro, 1964, (Suplemento da Revista Genealógica Latina).

POLIANO, Luiz Marques. Heráldica: escrito heráldico-genealógicos: monografia de concurso. São Paulo, GRD, Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Arte e Cultura Rio Arte, 1986.

ROCHETTI, Giuseppe. Dizionario Illustrato dei Simboli. Milano, 1922.

SANTOS, Waldemar Baroni. Tratado de Heráldica. 5ª ed., s./ed., São Paulo, 1978.

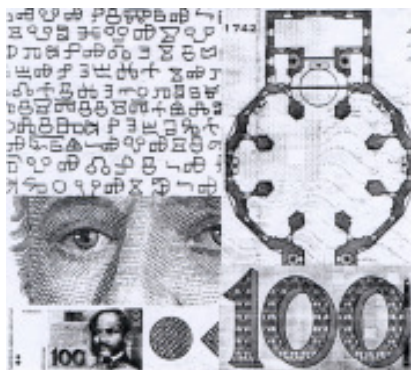
SILVEIRA, Enzo. Breviário heráldico, medalhístico e nobiliário. São Paulo, Edições Ensil, 1972, Edição comemorativa do sesquicentenário da independência do Brasil.

TORRES, José de Asencio. Tratado de Heráldica y Blason. Madrid, 1929.

TOSTES, Vera Bottrel. Princípio de Heráldica. Petrópolis, Museu Imperial / Fundação MUDES, 1983

(Matéria fornecida por Gilberto Fernando Tenor - Secretário da SNB)

Alfabeto Glagolítico nas Cédulas e Moedas da Croácia



Um certo tempo atrás,
fui inquirido sobre a
inscrição que aparece
à esquerda do

Alfredo Schönberger

rosto de Ivan Mazuranic na cédula croata de 100 Kuna. Examinando, cheguei a conclusão que nunca tinha visto semelhante alfabeto. Resolvi pedir a ajuda do Banco Nacional da Croácia e recebi do Sr. Boris Raguz, diretor, material para escrever este artigo. Em primeiro lugar, o nome deste alfabeto é "Alfabeto Glagolítico", e de acordo com Aurélio, originário do antigo eslavo glagolu que significa "som", "palavra". É o alfabeto eslavo primitivo, cuja composição se inspirou nas letras gregas. A forma das letras parece ter tido como exemplo o etíope.

Em croata escreve-se Glagoljica (leia-se Glagólitz) e é um dos tipos de escrita da antiga igreja ortodoxa bizantina.

Na época da
evangelização,
ao redor





de 863-900 d.C., dos eslavos do sul (sérvios, croatas, eslovenos) o patriarca de Constantinopla enviou dois monges, irmãos, Kirillos e Metodius, (depois canonizados) que desenvolveram este alfabeto para todos os países eslavos. A partir do século XI, a influência da igreja ortodoxa prevaleceu na Sérvia, Bulgária, Rússia, Ucrânia e suplantou a Glagoljica pela Cirílica.

Com o decorrer dos séculos, o alfabeto glagolítico restringiu-se para as centenas de ilhas da Dalmácia, onde foi utilizado desde o século X até meados do século XX (claro, só nas igrejas católicas romanas).

O texto da inscrição da cédula de 100 Kuna faz parte do texto da prancha de Baska (sobre a qual vou escrever mais tarde) e diz:

“Eu, abade Držiha, escrevo isto na terra, que o rei Zvonimir doou à igreja de Santa Lúcia” e continua falando sobre a construção da igreja.

Aprofundando-me um pouco mais neste assunto, descobri a moeda croata de 5 Kuna de 1994 (KM 24 Ni, 24 a Ag e 24b Au), comemorando o quinto centésimo aniversário do missal glagolítico da igreja da cidade de Senj (leia-se Senh) 1494-1994. O padre Blaz (Biaggio) Baronic cooperou na impressão do missal gravado em madeira.





Uma moeda mais nova, de 1997, de 150 Kuna de prata (acima), mostra no anverso a prancha de pedra de Baska (pelo vilarejo de Baska, na ilha de Krk) encontrada na igreja beneditina de Santa Lúcia. Escrita em croata, pelo alfabeto glagolítico, ao redor de 1100 d.C. é uma escritura de doação de terras, pelo rei Zvonimir à igreja.



Uma vez que aprofundar-me em um assunto que não tem fim, descobri três moedas eslovenas de 1994 (KM 16 CuZnNi, KM 19 Ag e KM 20 Au) de 5, 500 e 5000 tolarjev (à esq.), comemorando o milenário da morte de Abraham Skof de Skofja (leia-se Skofia) Loka (Eslovénia). Ele era bispo de Freising, perto de Munique, na Bavária e escreveu manuscritos em glagolítico, no idioma esloveno entre 972 até 994, para seus missionários utilizarem em trabalhos religiosos com os recém convertidos eslovenos, já que a diocese de Freising possuía extensas áreas de terra na Carniola, perto de Skofja Loka.

Bibliografia:

- 1) Croatian National Bank – Numismatic Coins and Banknotes.
Director: Mr. Boris Raguz.
- 2) The Kuna and the Lipa – Dalibor Brozovic
- 3) Bank of Slovenia – Folhetos
- 4) Novo Dicionário Aurélio
- 5) Der neue Brockhaus



FATOS de 1935

Joel A. Gosling

Vice Presidente da SNB

Fomos indagados a respeito da cunhagem da medalha comemorativa da Revolução de 1930 e, podemos dizer, ter sido feita pelo Governo Provisório, por proposta da Diretoria da Casa da Moeda e, é claro, autorizada pelo senhor Ministro da Fazenda. O gravador foi Jorge Soubre.

No seu anverso temos uma árvore (pau-brasil), cuja fronde como que cobrindo o solo, e várias atividades da época; logo abaixo, em letras destacadas aquela conclamação "De Pé pelo Brasil" que, em outubro daquele ano, fez o Presidente Getúlio Vargas. Na sua parte inferior as raízes estão descobertas, parecendo o chão revolvido talvez pelas causas da Revolução.

No seu reverso, um rádio como que transmitindo aos quatro cantos do Brasil frases nacionalistas: "Tudo pelo Brasil, Todos pelo Brasil, Nada sem o Brasil, Nada contra o Brasil".

Mas o motivo da consulta é mais a respeito de sua cunhagem e, temos a dizer que foi cunhado um exemplar em ouro para o Museu Histórico Nacional, aos museus de cada estado um exemplar de prata num total de 21 exemplares, e 1.000 delas em bronze para os colecionadores. Portanto, é muito estranho aparecer em coleções as de ouro e prata.

Também nos parece estranho a notícia da época: "A Casa da Moeda de acordo com a média da cotação atual do valor da prata, fixou a partir de julho último e até segunda ordem, em 220% e 150% o ágio para a compra das moedas dos ANTIGOS CUNHOS (o destaque é nosso), respectivamente, da Monarquia e da República, dos títulos 917 e 900, e bem assim duzentos e oitenta réis o preço da grama da prata fina em barra" (Numária, setembro de 1935).

Outrossim, em abril de 1936, a Casa da Moeda estabeleceu em 110% e 62% o ágio a ser pago pela aquisição de moedas de

prata dos ANTIGOS CUNHOS (o destaque é nosso) da Monarquia e da República, título 917, e da república, de título 900, e de cento e oitenta réis para a grama de prata fina, adquirida em barra.

Neste meio de década de 1930, tivemos um artigo de Walter Heckmann, citando "existência de moeda que foi agora confirmada sob responsabilidade da Sociedade Numismática Brasileira" e, nada mais nada menos, o autor se referia ao aparecimento da moeda de prata de 500 réis de 1848. Dizia o articulista que "a meu ver, é inadmissível que somente em 1934 venhamos a conhecer uma moeda pertencente à série mais popular do Império Brasileiro... a qual se sabe, teve início em 1849". Kurt Prober, o respeitado pesquisador, sempre na defesa dos interesses de todos os numismatas, menciona em seu livro "Moedas falsas e falsificadas do Brasil" (1940), já em 1924 ter sabido sobre tal moeda e, para tanto, reproduz prova documental de sua existência. Fazendo um retrospecto no tempo, em 1905, na publicação "A Moeda no Brasil", de M. A. Galvão, Imprensa Nacional, pág 53, relata "Pela Port. de 24 de fevereiro de 1848 foram aprovados os cunhos das moedas de 20\$000 e 10\$000 de ouro, e de 2\$000, 1\$000 e 500 réis de prata". Já em 1908, completo "Catálogo da Colleição Numismática Brasileira", de Augusto Souza Lobo, II Parte, pág 183, nº 448, não consta 1848 e sim 1849 como o aparecimento de tal moeda. Tempos depois, o trabalho de Saturnino de Pádua, 1928, Editora Santos & Leitão, pág 143, versando sobre a moedagem do Terceiro Sistema Monetário do Império, 1º Tipo, não fala de 1848, e sim 500



Medalha Comemorativa da Revolução de 1930

réis de 1849 a 1852 em prata. Alguns anos mais, tendo em mãos um trabalho de Antônio dos Santos Oliveira Júnior, 1940, destinado a ser sua monografia ao Concurso de Conservador do então Ministério da Educação e Saúde, pág 42, menciona o primeiro tipo (1849~52), citando os decretos de 20 de setembro de 1847 e o de 28 de julho de 1849, este último, estabeleceu normas para peso, valor e toque das moedas de prata, inclusive os 500 réis (Decreto 625). E, por fim, entendemos o espanto elogiável de Walter Heckmann, ao deixar em aberto para que expliquem a razão de tal aparecimento e comentou: "Resta a hipótese de que o gravador que abriu os cunhos fosse um adivinho ou que adivinhos fossem também aqueles que fizeram circular a moeda de 1848". Elogios a Kurt Prober que a coloca como moeda de cunhagem ilícita.

Mas não é só isto. Ao lermos publicações da Sociedade Numismática Cearense, revistas que honram tudo que for publicação do gênero, deste Ceará cujos filhos são de uma dinâmica insuperável, cujas ações e a revista é uma delas, saudosa e necessária ao desenvolvimento numismático. A de número 5, de março de 1937, sob o título "Negócio da China", versando sobre as moedas de 1935, efígie de Regente Feijó, o Sr. Jorge Cunha do Rio de Janeiro, colocava suas indignações à respeito da cunhagem de tal moeda. Um vespertino de sua Capital, ao "noticiar o aparecimento... que constituiria uma raridade... 6.000 exemplares apenas, quase nada para o Brasil... Essa moeda tornar-se-ia rara entre todas de sua série". Posteriormente, obteve informações que a cunhagem estaria em 12.000 exemplares e apenas 3.000 tinham sido entregues à circulação. Prober em seu esmerado catálogo menciona 14.000 peças. Arnaldo Russo também.

Daí em diante o autor do artigo a oportunidade de encontrá-la.

O Sr. Jorge Cunha descreve sua busca até na própria Tesouraria da Casa da Moeda, onde lhe responderam ironicamente: "Moedinhas de \$500?... Regente Feijó?... Nenhuma para amostra". E, no entanto, dirige-se à Avenida Rio Branco e, nas vitrines da Casa Gonzaga, lá estavam as moedas pelo "preço nada módico de 5\$000". E passa a calcular – uma moeda 5\$000; dez, 50\$000; cem 500\$000, mil 5:000\$000, três mil (um saco original), 15:000\$000 !!! Negócio assim, exclama o autor no sentido figurado, "só na China... que nem vale a pena reviver".



E temos mais, ao depararmos com a moeda de 100 rs. de 1872. Consultamos o catálogo de Souza Lobo, de 1908, pág. 193, e não se tem mencionado o ano de 1872. O livro “Moedas Brasileiras” de Saturnino de Pádua, 1941, RJ 2ª edição, o autor enfatiza que “os 100 réis de 1872 não satisfaz as exigências legais para sua cunhagem, com uma tiragem de, talvez, cem moedas. **Ilegalmente** (é dele o destaque) introduzidas na circulação, e não tem nenhum valor numismático especial”.

Já Kurt Prober, um dos mais conhecidos e competentes numismatas brasileiros, de meritório propósito a que se entregou, cita como se colocasse uma “pá de cal” sobre o assunto, relatando em seu precioso livro “Moeda Falsas e Falsificadas do Brasil”, pág 71, que uma Portaria da Casa da Moeda, nº 213, de 19 de setembro de 1925, determinou a cunhagem de moedas antigas, destinadas ao Museu daquela Casa e, tal sendo cumprido, o Sr. Fiscal de Cunhagem da Casa da Moeda, José Marinho de Rezende, pede aos superiores que os cunhos fossem inutilizados. A solicitação, mais abaixo, cita um rol de moedas com outros valores e datas cunhadas.

Nossa admiração não nos impede de fazermos perguntas: como é que um níquel de provável recente cunhagem possa aparecer tão desgastado, pois na maioria das vezes o vemos sob a condição “UTG”? Como pôde entrar em circulação? Mas que circulação, em que época? Prober tem sobejas razões para colocar o níquel de 1872, juntamente com o 500 réis de 1848, como cunhagem ilícita.

Também ilícita, com toda razão, os níqueis de 20 e 50 réis de 1935, relacionados na lista de Prober e, citando a Revista Numária (Fortaleza, Ceará), a qual consultamos, os tais níqueis foram cunhados em janeiro de 1937, e a revista cearense em 1938 repudiava tal cunhagem argumentando que tais moedas foram “engarrafadas”, e não as considerando como “cunhagem livre, e sim um ensaio ou coisa que o valha, porém nunca moedas de curso legal”.

Fatos de 1935... que afetam o presente, e temos que procurar elucidá-los pesquisando, mesmo que nunca esgotemos o assunto...

EURO – A Nova Moeda de 300 Milhões de Pessoas

Leo Albino Trindade



Desde o dia 1.º de Janeiro deste ano, França, Portugal, Espanha, Alemanha, Bélgica, Itália, Holanda, Luxemburgo, Finlândia, Grécia, Irlanda e Áustria tem como nova moeda o EURO, que passou a circular definitivamente nesses países. O Reino Unido, Suécia e Dinamarca, pesar de pertencerem ao mercado comum europeu, não aderiram a essa substituição da moeda nacional, e pelo menos por enquanto, permanecerão com suas moedas vigentes.

O projeto EURO começou em 1996. A escolha da moeda implicou na escolha do nome, os elementos de segurança de que deveriam conter as cédulas e moedas, o tamanho, a aparência. Em 1998 escolheu-se o tema "idade e estilos da Europa" para estampar as cédulas do Euro.

As cédulas serão iguais em todos os países em quanto às moedas terão uma face comum a todos os países e a outra nacionalizada. Durante os estudos para o desenvolvimento do Euro, foram consultados: a União Européia de Cegos, para incluir recursos que tornarão as cédulas reconhecíveis por cegos e amblíopes. Parte das notas serão impressas em talho doce, cujo relevo lhe garante mais segurança e possibilite aos deficientes sua identificação pelo tato. Os números serão bem grandes e em cores contrastantes. As margens das cédulas de 200 e 500 Euros tem marcas individualizadas para permitir a sua identificação.



O plano numismático do Banco Central Europeu (BCE) definiu a emissão de seis valores de moedas de Euro: 1 e 2 Euros e 1, 2, 5, 10, 20 e 50 centavos de euro. As cédulas serão emitidas nos valores de 5, 10, 20, 50, 100, 200 e 500 Euros, porém a sua emissão foi justificada pelo fato dos alemães e outras populações europeias estarem acostumados a portar cédulas da alto valor.

As troca das cédulas ocorreram até 30 de junho de 2002, pelos bancos. Após essa data, só o Banco Central de cada país pode trocá-las, pelo prazo de dez anos. As moedas foram recolhidas até 17 de Fevereiro de 2002. Após essa data as mesmas perderam seu poder de pagamento em todos os países. Os numismatas terão 12 séries de moedas diferentes em uma das faces e semelhantes na outra face.

Os cheques, cheques de viagem, recibos, duplicatas mercantis, etc, desde o 1.º de Janeiro de 2002 devem ser emitidos somente em euros.

Os dados técnicos que determinam a autenticidade das notas só serão divulgados pelo BCE no final de agosto, para que dê tempo aos funcionários dos bancos de estarem aptos a reconhecer as cédulas e moedas verdadeiras.



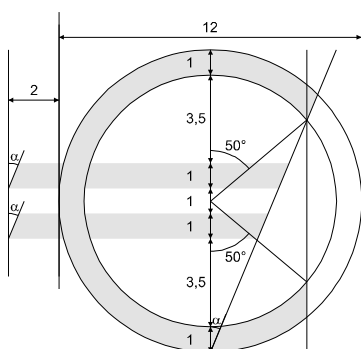
Moedas de Euro cunhadas pela Áustria. O reverso das moedas são escolhidos pelo país emissor.

A troca das moedas em toda União Européia totalizou 50 bilhões de moedas dos diversos valores e a substituição das notas implicou em 14,5 bilhões de cédulas com um valor superior a 664 bilhões de Euros. Os bancos centrais dos diversos países deverão destruir, em curto espaço de tempo os francos franceses, os marcos alemães, os escudos portugueses, os florins, pesetas. Foi construída uma máquina especial para furar as cédulas recolhidas, no ato da troca. Posteriormente começou a recontagem e finalmente o processo de incineração, visto que essa queima pode esperar mais um prazo. As moedas serão destinadas a fundição, aproveitando-se os metais na fabricação das novas moedas ou outros manufaturados.

Cada país tem a sua moeda

A produção de cédulas e moedas do euro estão sendo fabricadas em cada país sob a responsabilidade das respectivas casas da moeda. A cunhagem das moedas começou em 1998 e a impressão das cédulas em 1999. Na Alemanha onde temos dois centros de produção, a sua necessidade de 4,3 bilhões de cédulas e 17 bilhões de moedas, se reunido esse volume lotaria um trem com 45 Km de extensão.





*Proporções oficiais
utilizadas para a reprodução
do símbolo do Euro*

O plano logístico para essa substituição configura-se como um dos mais amplos e complexos já efetuados para a troca do padrão monetário de 12 países ao mesmo tempo.

As cédulas apresentam-se com novas dimensões, mais curtas e mais largas que as atuais. Esse fato tem obrigado os estilistas que projetam carteiras para dinheiro a se

renovarem para receber cédulas quase quadradas, fator que dificulta o design das carteiras. Elas possuem uma letra de identificação do país emissor, à saber: L=Finlândia, P=Holanda, T=Irlanda, Y=Grécia, M=Portugal, R=Luxemburgo, U=França, X=Alemanha, N=Áustria, S=Itália, V=Espanha e Z=Bélgica. Curiosamente, já estão reservadas letras para os países que ainda não aderiram ao Euro: J=Reino Unido, K=Suécia e W=Dinamarca.

Muitas pessoas fazem a sua economia guardando dólares americanos e outros guardam moedas fortes da Europa. Fica aqui um alerta para que providenciem a troca dessas notas para não ficarem com o mico.

Cédulas e moedas de Euro fabricadas até Janeiro de 2002, em milhões (Fonte BCE)

	Moedas	Cédulas		Moedas	Cédulas
Alemanha	17.000	4.342	Portugal	1.300	535
França	7.500	2.570	Bélgica	2.000	530
Itália	7.200	2.380	Áustria	1.500	520
Espanha	7.100	1.924	Irlanda	900	243
Países baixos	2.800	655	Finlândia	1.100	219
Grécia	1.300	581	Luxemburgo	100	46
Total:		49.800 Moedas		14.545 Cédulas	